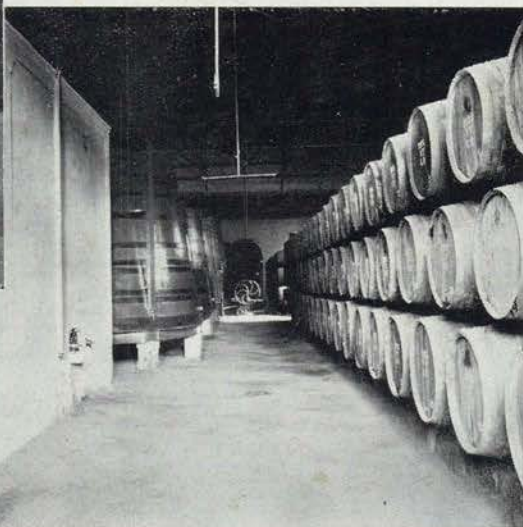
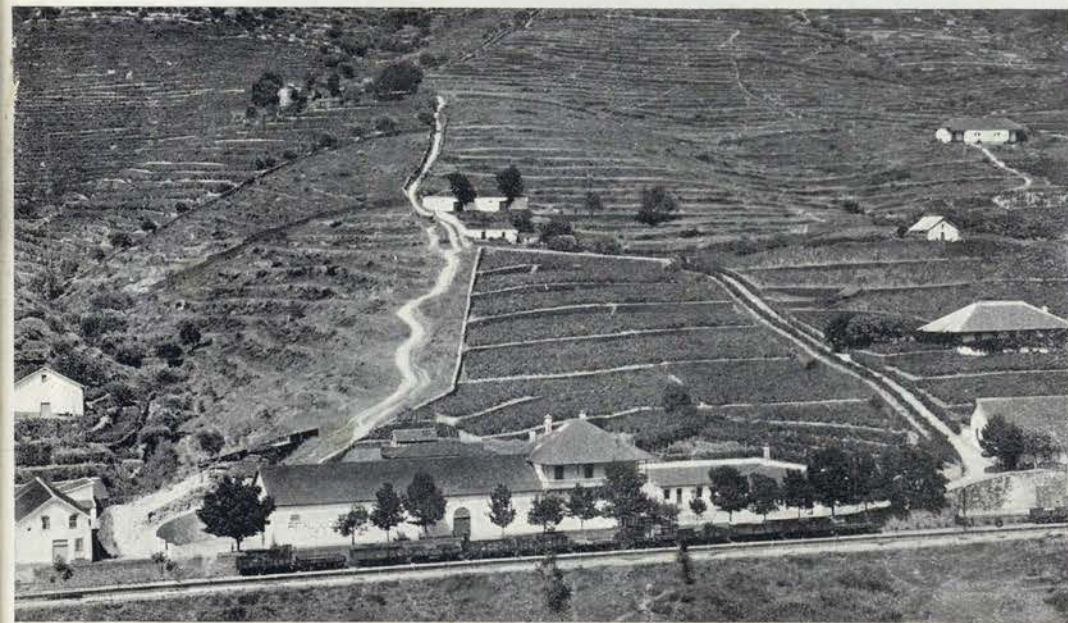
PANORAMA

REVISTA
PORTUGUESA
DE ARTE
E TURISMO

PANORAMA ★ NUMERO 24 ★ ANO 4.º ★ 1945

Alguns aspectos das magníficas instalações da

QUINTA DO CORVAL

uma das propriedades que a Real Companhia Vinícola possue na REGIÃO DEMARCADA dos Vinhos Generosos do Douro

SEDE EM GAIA: TELEF. 3478 · FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117, TELEF. 2 2559 · DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES, TELEF. 440

O FAMOSO VINHO DOS EMBAIXADORES

S. C. ABEL PEREIRA DA FONSECA – LISBOA

Vinho
do
PÔRTO
PORTO

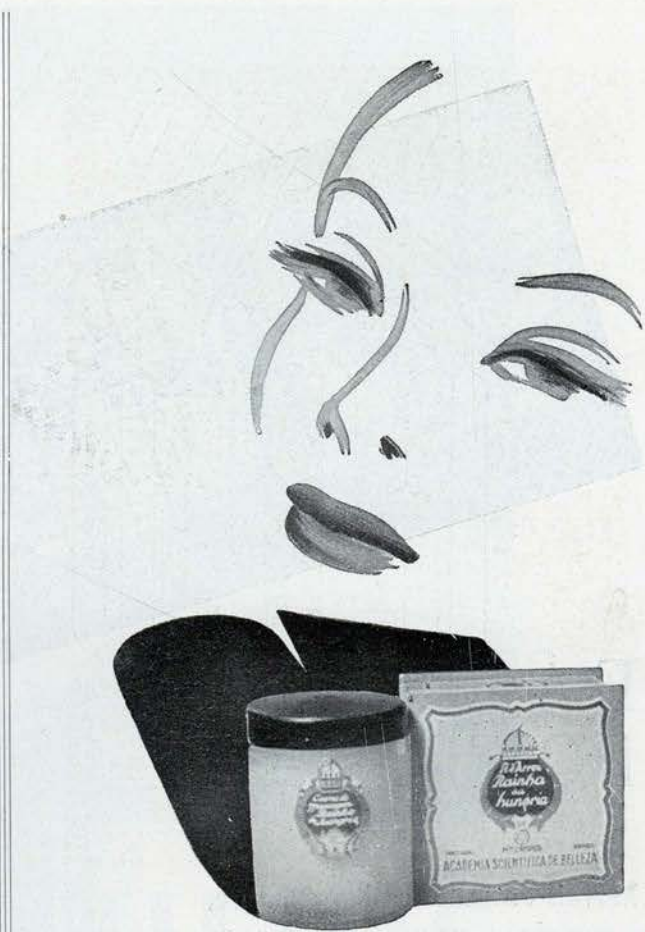
Aqui se aconselha...

que leia, veja e compre

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutivelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

RADIO - GRAMOFONE com receptor super-heterodino para ondas curtas e médias. Alto-falante de alta fidelidade. Contrôle automático de volume de som. Contrôle progressivo de tonalidade. Quadrante de visibilidade perfeita. Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos. Dispositivo para repetição de qualquer e paragem e corte automático da corrente no final do último. EST. VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.

QUEM pretenda fazer CAMPISMO deve apetrechar-se convenientemente, pelo menos com o indispensável. A casa VIEIRA CAMPOS, na rua da Prata, 215 e 217 (antiga Casa Figueiredo), em Lisboa, tem à venda quanto há de mais moderno para a prática dêste desporto, como sejam: tendas de todos os modelos para campismo fixo ou volante, sacos de campismo com armação, sacos de dormir, hamacs, baldes de lona, etc.

SÃO INCOMPARÁVEIS OS MARAVILHOSOS PRODUTOS DE BELEZA

ROSIPÓR
RODAL
YILDIZIENNE
OLY
MYSTIK
E

RAINHA DA HUNGRIA

M^me CAMPOS

DA ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

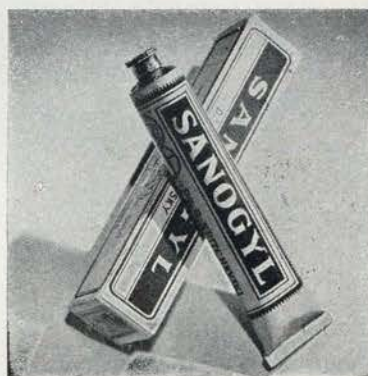
AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.º · TEL. 21866 · LISBOA

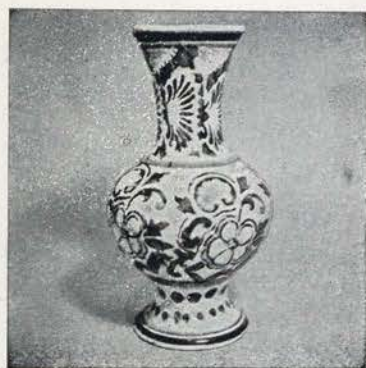
FÁBRICA
PORTUGAL
Móveis em tubo e chapa de aço,
especiais para cada caso.
EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA:
HOTEIS
HOSPITAIS
ESCRITÓRIOS
REPARTIÇÕES
SERVIÇOS ESTATÍSTICOS
VESTIÁRIOS
QUARTOS DE DORMIR
CASAS DE BANHO
SALAS
BARS
CERVEJARIAS, Etc., Etc.
ESCRITÓRIOS: Rua Febo Moniz, 2 a 20
SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA:
Rua Febo Moniz, 2-20—Telef. 47.157
Praça dos Restauradores, 49-57—Telef. 24.948
Avenida da República, 55-D.—Telef. 41.189
Rua da Graça, 82-84—Telef. 49.109
LISBOA

DEPOIS DO SOL É A "TUNGSRAM"
QUE MELHOR ILUMINA PORTUGAL
V. DO CASTELO
BRAGA
BRAGANÇA
PORTO
V. REAL
AVEIRO
VIZEU
GUARDA
COIMBRA
LEIRIA
C. BRANCO
SANTAREM
LISBOA
PORTALEGRE
SETUBAL
EVORA
BEJA
FARO

Aqui se aconselha...

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

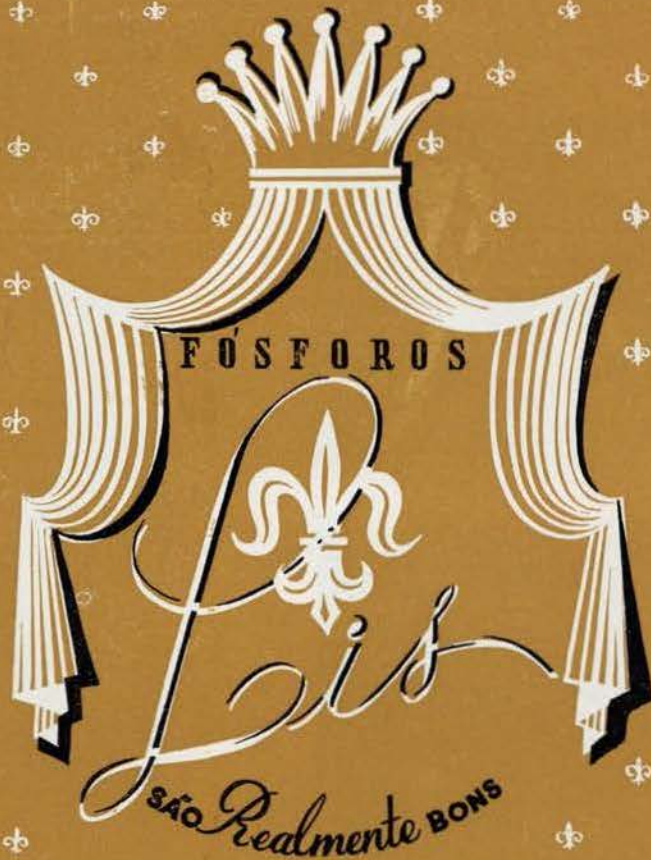
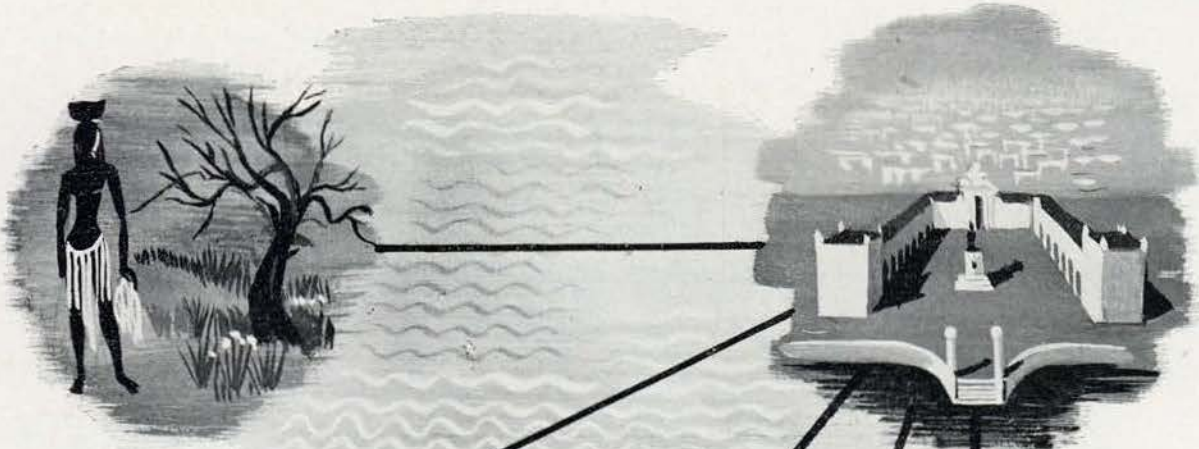
Se vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

Cuide da sua bôca! Mas considere que só um dentífrico cientìficamente preparado — como o SANOGYL — exerce uma eficaz acção desinfectante, sem prejudicar o esmalte dos dentes. Usar SANOGYL é uma necessidade. Adquira imediatamente um tubo e verifique os resultados! Estamos certos de que obterá os melhores, e passará a usar sempre a pasta SANOGYL.

Esta fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

que leia, veja e compre

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

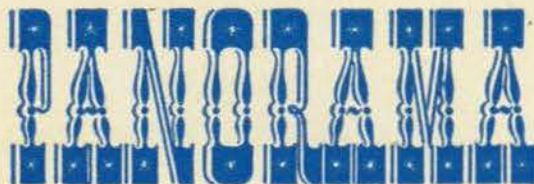
HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

NA foto ao lado vê-se uma caixa para BRIDGE, com 2 baralhos, 4 «carnets» e 4 lápis. É forrada de sêda, coberta de pele, dourada a quente sôbre fôlha de ouro, tendo na tampa uma gravura autêntica de uma carta geográfica do séc. XVIII. Há de tôdas as côres e grande variedade de gravuras, sempre autênticas, e também em madeira com as mesmas características. DENA, LDA., Rua Garrett, 74, 2.º, Lisboa.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas, NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de Méco, Lda., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

FÓSFOROS
Lis
SÃO Realmente BONS
COMPANHIA LUSITANA DE FÓSFOROS

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

LISBOA – RUA DO INSTITUTO VERGÍLIO MACHADO. 14 · PÔRTO – RUA INFANTE D. HENRIQUE. 9

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 24 ★ ANO DE 1945 ★ VOLUME 4.º

CAPA: ARRANJO DE BERNARDO MARQUES — DESENHOS DE BERNARDO MARQUES E MAGALHÃES, FILHO — FOTOGRAFIAS DE A. DE ARAÚJO BALTAZAR, DR. ANTÓNIO DE MENESES, ARTUR PASTOR, DAVID DE FREITAS, HORACIO NOVAES, MANOEL GONÇALVES E MÁRIO NOVAES.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., Fotogravura Nacional, Lda. e A Ilustradora Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 7$50

Casos e Coisas de Turismo

NECESSÁRIA EXPANSÃO BANCÁRIA . . .

por AUGUSTO PINTO

DE bancos se trata. E de sua conveniente expansão — ou multiplicação — em terras onde vão forasteiros, estagiam veraneantes e passam turistas da Estranja. Daí o título arriba escrito. Que é — diga-se desde já — meramente analógico e homográfico. Porque os bancos em referência não são, como se podia supor, estabelecimentos de crédito e rédito. Mas só e simplesmente, assentos. Bancos de pedra. Ou de pedra e cal. Ou de madeira — em pranchas ou ripas, tingidas a verde escuro. Ou até, de rústico pinho puro. Ou de ligeira cortiça. Bancos para abancar, para descançar, ler jornais ou livros, ao ar livre olhar embevecidamente, regaladamente, paisagem que diante dêles se estenda e explenda em suas maravilhas. Bancos. Muitos bancos. Bancos por tôda a parte. Bancos à farta. Bancos em barda.

A política de atracção de vilegiaturistas e de turistas

por tôdas essas muitas povoações portuguesas que se ufanam de praias de primeiríssima ordem, caldas milagrentas, e cidades e vilas vértices de apregoados triângulos de excursões, anda assás descurada em matéria de comodidades particulares e públicas. Vegeta na ignorância absoluta, ou quási absoluta, do único triângulo turístico, a estabelecer e a atender em tôda a banda onde turismo se faça, e que é

E assim, mais se inclinam seus mentores e cultores, à preocupação da construção de casinos ou de hotéis imponentes, ou de avenidas, ou de esplanadas, ou de miradoiros de missanga, que de outras coisas aparentemente mais insignificantes, mas muito mais importantes. Coisas que são, entre várias, as seguintes: Suprimir as môscas e os mendigos. Encher as modestas pensões locais de casas de banho esmeradíssimas. E de camas brancas, brandas e limpíssimas. E de poltronas, canapés e cadeiras comodíssimas. Arrebicar e florir as casas para os aquistas ou banhistas, e dar-lhes também as maiores comodidades. E — vamos ao nosso caso — espalhar a esmo, por quanto paradeiro ameno se abra à maior ou menor vista de mar ou de terra ou de serra, bancos e bancos e bancos — bancos e mais bancos.

Bancos bonitos. Bancos sempre bem cuidados. Bancos sempre acolhedores, muito convidativos, muito confortáveis.

O banco público em Portugal, tem até hoje tido acção muito mesquinha e quási estrictamente municipal. E sempre colocação — para não dizer posição — muito absurda. É imóvel obrigatório de praça fronteira ou próxima de Paços do Concelho. Assento indispensável em tôrno e visinhanças de coreto de musica provinciana. Hirto e duro poisadoiro de jardinete ou alto, rente do mar ou rente do rio, em vilas maiores e cidades capitais. E pouco ou nada mais é, e em poucos ou mais nenhuns locais aparece.

Obedece, além disso, nas suas mais correntes disposições, ao princípio absoluto de que se devem pôr bancos apenas, em paragens largamente concorridas, e de forma a que os sentados possam ver, não vista ou crista de vaga ou monte, mas quem esteja por outros bancos defronte. Não paìsagens na distância, mas parentagens ou personagens de cartel, em seus volteios perante os pasmados. Não bancos para olhar um deslumbrante pôr do sol; ouvir cantar um melro ou um tentilhão nas ramagens; sonhar diante de lonjuras, funduras ou alturas. E nunca, principalmente, bancos — pois para isso prestam — a oferecerem aos naturais, e mais aos estranhos de uma região repouso e regalo em suas caminhadas.

O banco público, em Portugal, ainda não foi considerado e utilizado como elemento de turismo. Sentam-se nêle, nos locais restrictos e sempre rumorosos onde o plantam, os vadios, os soldados das guarnições, os funcionários reformados, os compadres e as comadres coscovilheiras, e, às vezes, algum par de namorados. Pespegam-se nêle os mirones pelintras de todos os espectáculos públicos, desenrolados possìvelmente, ali ao pé — desfiles de paradas; o trânsito vespertino e banal dos dias domingueiros, e os corropios dos «picadeiros» estivais dos cen

tros balneares. Utilizam-no, habitualmente, os indígenas e os indigentes — e as gentes que só têm olhos para olhar outras gentes.

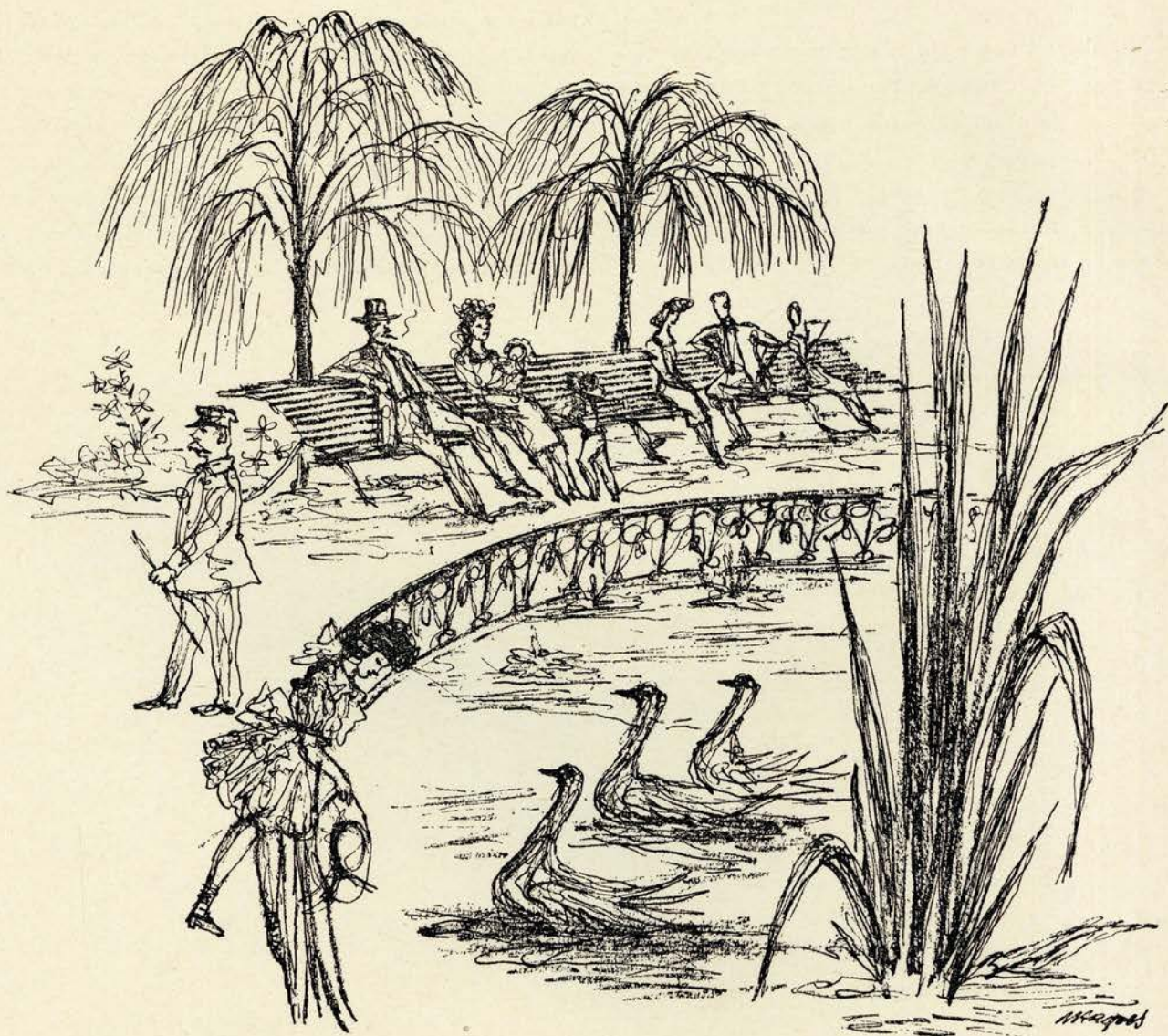
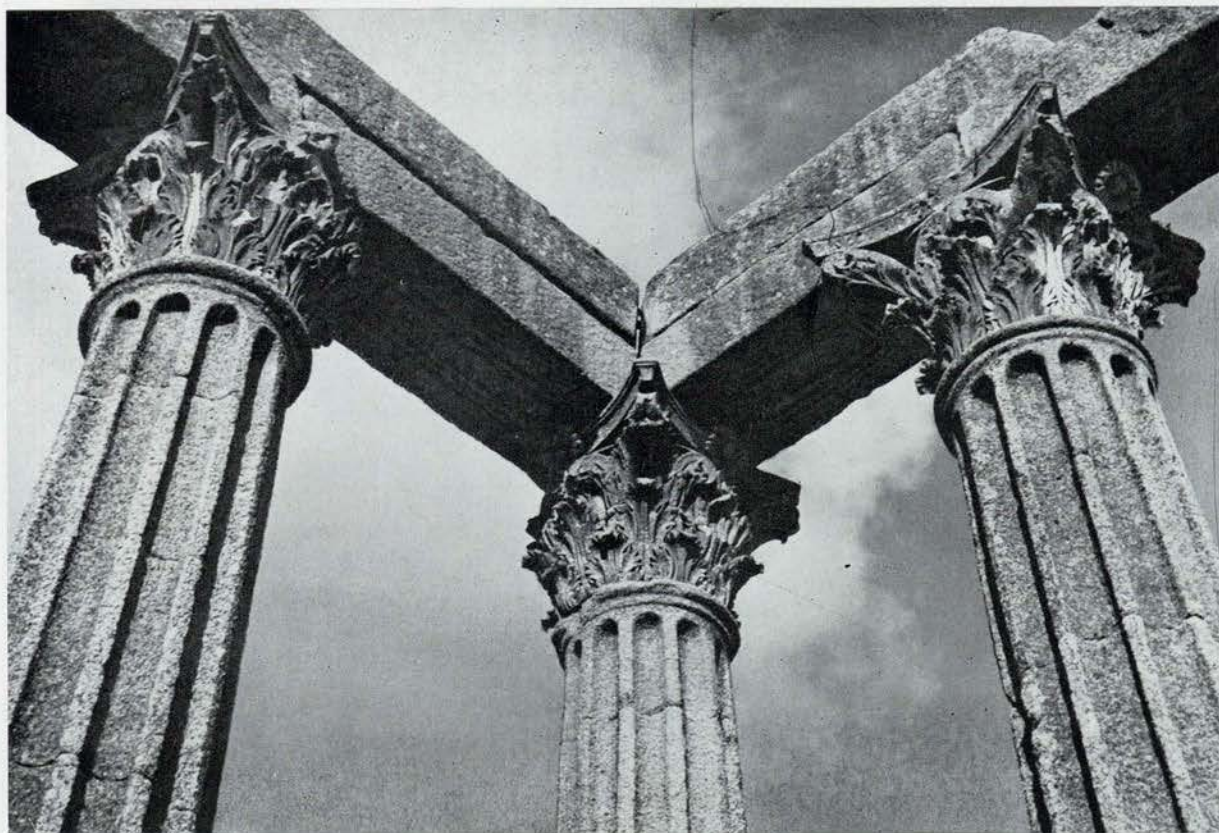
Daí, por exemplo, a razão de se encontrarem bancos por avenidas de Portugal, à beira-mar — de costas voltadas para o Mar!

Daí, a razão de se percorrerem — outros exemplos: cem! — caminhos e estradas à volta de pimpantes centros de turismo (assim auto-chamados) em que aos turistas, para minutos de paro e poiso (e em frente, por vezes, de tão lindos panoramas!) só lhes resta o pó dêsses mesmos caminhos, para sentar-se, ou, como os burros, se lhes der gana, para espojar-se!

Daí, a razão porque é necessária uma grande expansão bancária. Bancos. Muitos bancos. Sempre mais bancos.

Bancos bem situados. Bancos bem distribuídos por todos os pontos. Bancos prontos sempre a dar assento a caminhantes cansados ou encantados. Bancos sempre amáveis e confortáveis.

Porque, sendo assim, multiplicando-se os bancos em terras atraentes de Portugal, sucederá que, depois, quando êsses bancos tiverem, durante meses, fregueses de fora nêles repimpados, os outros — os Bancos dos Créditos e das Contas Correntes — abrem logo, logo, nessas boas terras, suas filiais bancárias.

AUGUSTO PINTO

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

ÉVORA

CIDADE DE SILÊNCIO E DE EVOCAÇÃO

Escassas horas depois de saídos de Lisboa, e ainda mal refeitos do impressionismo da paìsagem alentejana, depara-se-nos imprevistamente, desdobrada pelas encostas de leve colina, a vetusta cidade de Évora.
Então, o crescente interêsse que nos domina atinge o seu auge. Se até aí fôra a nota melancólica dos descampados transtaganos, agora é um silêncio de catedral que nos surpreende e tolhe.
Frente às suas igrejas e mosteiros, rápido nos possui uma sensação mística que nos leva a falar baixo. Confundem-se no nosso espírito pressuposições religiosas e românticas, como que fugidas de sonhos, cuja irrealidade nos deixa aperceber, em cada esquina, vultos vagos de fantasmas.
Porém, não é só essa mudez, feita para não despertar mortos queridos, que nos domina e empolga, pois que, em Évora, tudo é grandiosamente evocador e belo.
A capital alentejana, arrebatada em 1166, por Geraldo Sem Pavor, ao domínio serraceno, tem sido justamente cognominada de «cidade-museu», tantas e variadas são as suas obras de Arte, as jóias arquitectónicas que encerra e que admiràvelmente lhe imprimiram uma feição arqueológica única.

Continuação do aqueduto sertoriano (época D. João III). — Um aspecto característico da cidade

Percorrendo as suas ruas êrmas, onde as pedras velhinhas nos parecem querer falar, não precisamos de esfôrço para recordar, pois que, perdidos na contemplação dos seus monumentos, indelèvelmente evocamos páginas gloriosas do passado.

Nos seus cenóbios célebres, nas suas igrejas majestosas e imponentes, nos seus solares, nas arcarias e nas suas fontes, Évora surge-nos, na verdade, como um relicário incomparável de «remembers» arquitectónicos e arqueológicos, cenários que foram de inesquecíveis acontecimentos de antanho.

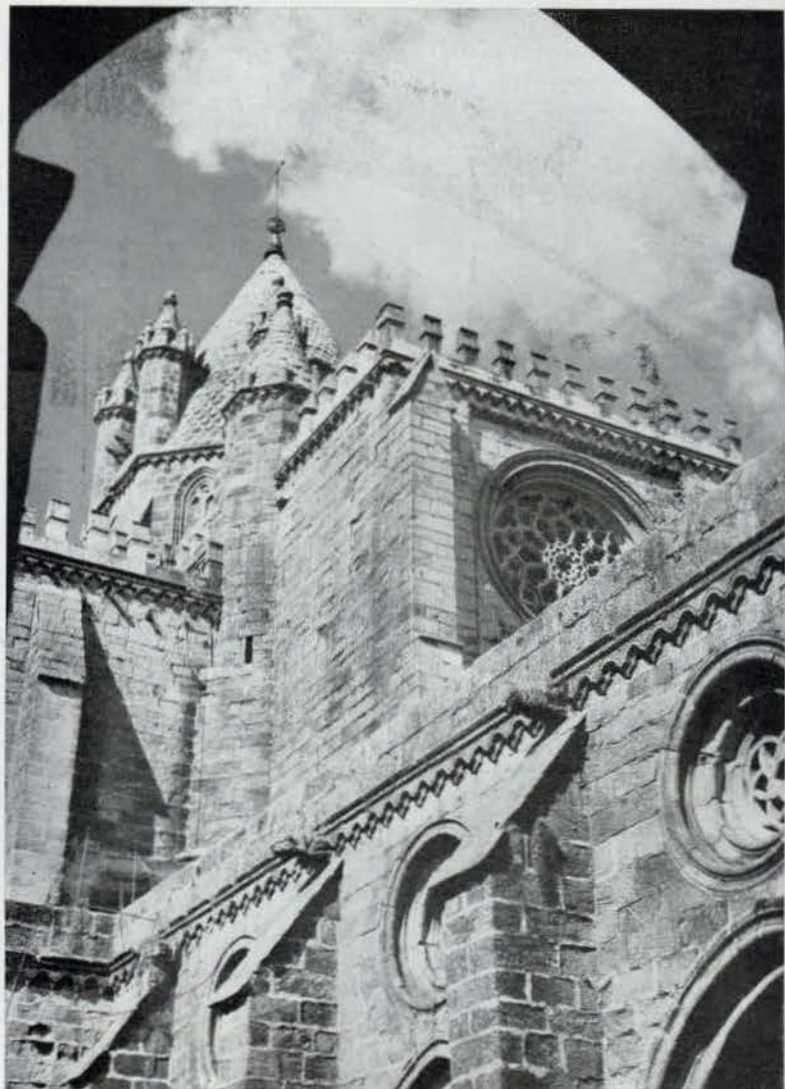
Évora não é, pois, apenas a «cidade-museu» de Portugal; é ainda a terra da surprêsa e da evocação histórica, o «paraíso de contemplativos», como disse Matos Sequeira, o local onde folheamos tesouros de álbum.

Assim, observemos em breve síntese, à maneira dos seus guias de turismo, o que Évora possui de notável:

Primeiramente, êsse exemplar de árte greco-latina, edificação pagã e única no seu género, consagrada à Deusa da Graça e ainda hoje denominada «Templo de Diana», a mais sugestiva

expressão da arquitectura romana na Península, com capitéis coríntios lavrados e curiosa arquitrave incompleta. Em seguida, a Sé, dominando, como uma Acrópole, tôda a cidade, a mais vasta catedral do País. Testemunho de diversas épocas e escolas, de cujas correntes arquitectónicas recebeu o reflexo, o seu exterior esmaga-nos pela solidez e dignidade, enquanto o interior nos seduz pela magnificência da sua capela-mor, obra de Ludovici, ou as elegantes proporções das suas elevadas naves.

No entanto, é a evocação de factos nela ocorridos, mais que a sua austeridade, que a impõem como um «hino e um salmo». Nela se repercutiu tôda a história pátria. Como escreveu Gabriel Pereira, «há vozes naquela silharia, vibrações na penumbra do trifório».

S. Francisco é um notável templo do século XV, edificado em estilo gótico. A sua abóbada ogival é de arrojada concepção, sendo não só o pórtico geminado, com galilé joano-manue-

Dois aspectos da Sé, a mais ampla e imponente Catedral do país

Praça de Giraldo: Trecho dos arcos, vendo-se ao fundo a igreja de S.to Antão. A fonte coroada quinhentista

lina, de interessantes colunelos, como o aspecto geral interior, obra de Martim Lourenço. Dignas de particular reparo são a famosa imagem de S. Bruno, venerada numa das capelas laterais, e a «Casa dos Ossos», de macabra arquitectura.

A Graça é um monumento barroco-miguelangesco, sendo notável a fachada e curiosa a dupla claustra do mosteiro, outrora habitado por monges agostinhos.

Seguidamente, a igreja henriquina de Santo Antão, a igreja quinhentista dos Loios, com convento anexo de seiscentos, e a ermida de S. Brás, edificada por ordem de D. João II, no final do século XV, e o mais notável exemplar do gótico regional, são as curiosidades mais representativas de Évora, às quais devemos acrescentar, entre outras, a Universidade, instituição

Outra vetusta fonte. — Claustro da antiga Universidade e pórtico da Sala dos Actos

Templo romano, exemplar único no seu género, cuja fundação se atribui a Quinto Sertório

criada pelo Cardeal Rei, de fachada clássica, e a que melhor rememora, no parecer de Matos Sequeira, o período henriquino do Humanismo e do Renascimento Eborense.

Deixados em silêncio os quadros e esculturas, alguns preciosos, como os do Paço Arquiepiscopal, os azulejos, túmulos e inscrições, mencionemos os principais conventos:

O convento do Calvário, único intacto, é uma famosa clausura franciscana, repleta de recordações e tradições notáveis, como o seu implorativo «sino da fome». Curiosas as suas tôrres de fenestras tejoleiras e o alegre claustro inferior.

O mosteiro de Santa Clara, de interessante frontaria, e os conventos de Nossa Senhora do Espinheiro, da Cartuxa, da Mitra, e de S. Bento de Castris, todos êstes, nos arredores da cidade, são os que particularmente despertam a nossa atenção.

Em S. Bento depara-se-nos um duplo claustro, um campanário, e um portal gótico, no mosteiro cartuziano, uma majestosa frontaria renascentista, um grande claustro, com curiosa fonte de três taças, e a escultura da Virgem Padroeira da «Scala Coeli».

Como João Rosa escreveu, «Évora, com os seus numerosos conventos de população feminina, foi afinal um seminário de «donas» e de «infantes», um refúgio ou destêrro de «sempre noivas».

ARTUR PASTOR

(Continúa na pág. I)

FOTOS DE DAVID DE FREITAS E ARTUR PASTOR

DELEGAÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO, NO PÔRTO

Prosseguindo na obra cujo mérito já não sofre discussão, o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo inaugurou, no passado mês de Março, uma delegação no Pôrto.

As instalações, no mais moderno edifício de que a progressiva cidade se orgulha, têm dignidade, condições necessárias para as exigências dos Serviços, e estão decoradas com aquele gôsto equilibrado que o Secretariado tem ajudado a criar e a impôr.

O espírito de artista de José Luís Brandão de Carvalho soube completar o que o notável arquitecto Rogério de Azevedo certamente tinha idealizado.

Vestíbulos, terraços, salas e gabinetes continuam-se sem a aridez ou gelada imponência que eram, antigamente o desespêro ou a monotonia dos que trabalhavam ou dos que eram forçados a ir às repartições públicas.

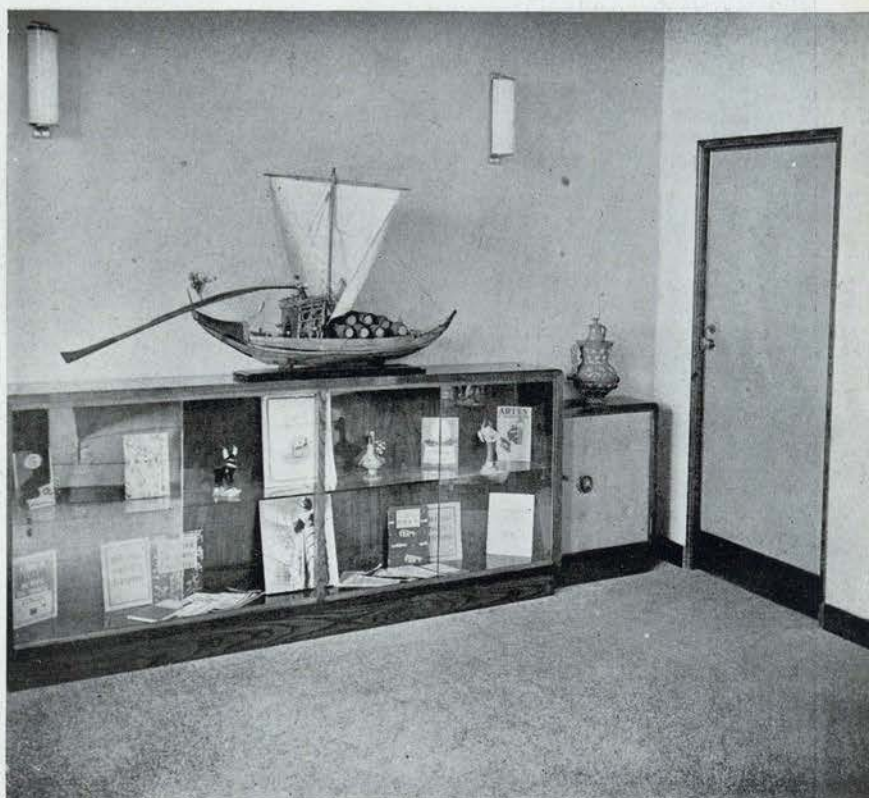
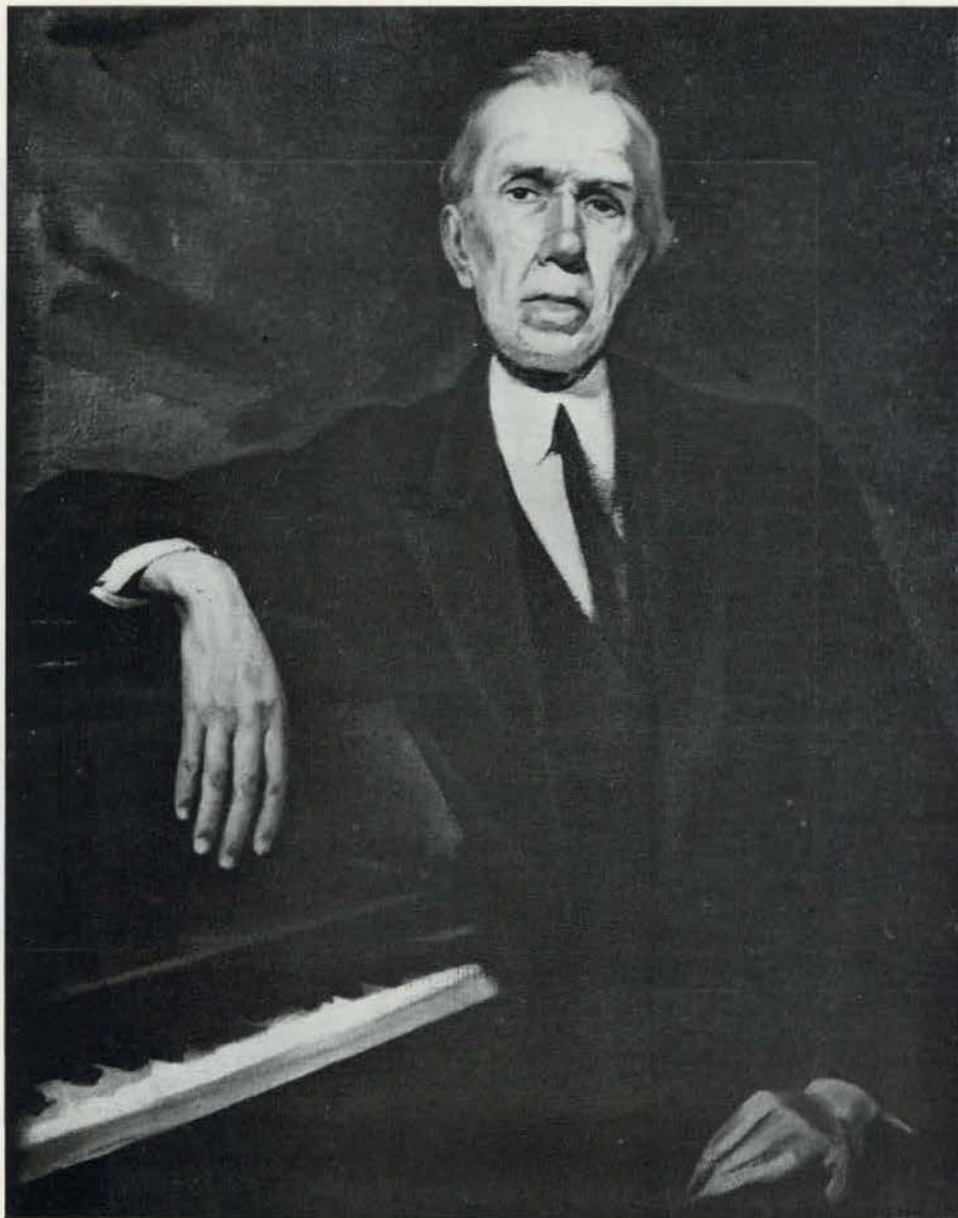
Na esquina do rez-do-chão do grande edifício, no cruzamento da praça de D. João I com a Rua do Bonjardim, uma Agência de Turismo

é mais um pequeno lar acolhedor do que um frio «bureau» de informação.

Amplas «montras» criteriosamente ornamentadas, oferecem, por meio de diagramas, fotomontagens, publicações ou motivos etnográficos e de folclore regional, outras tantas sugestões para a curiosidade dos turistas ou de quantos se interessam pelas coisas do espírito.

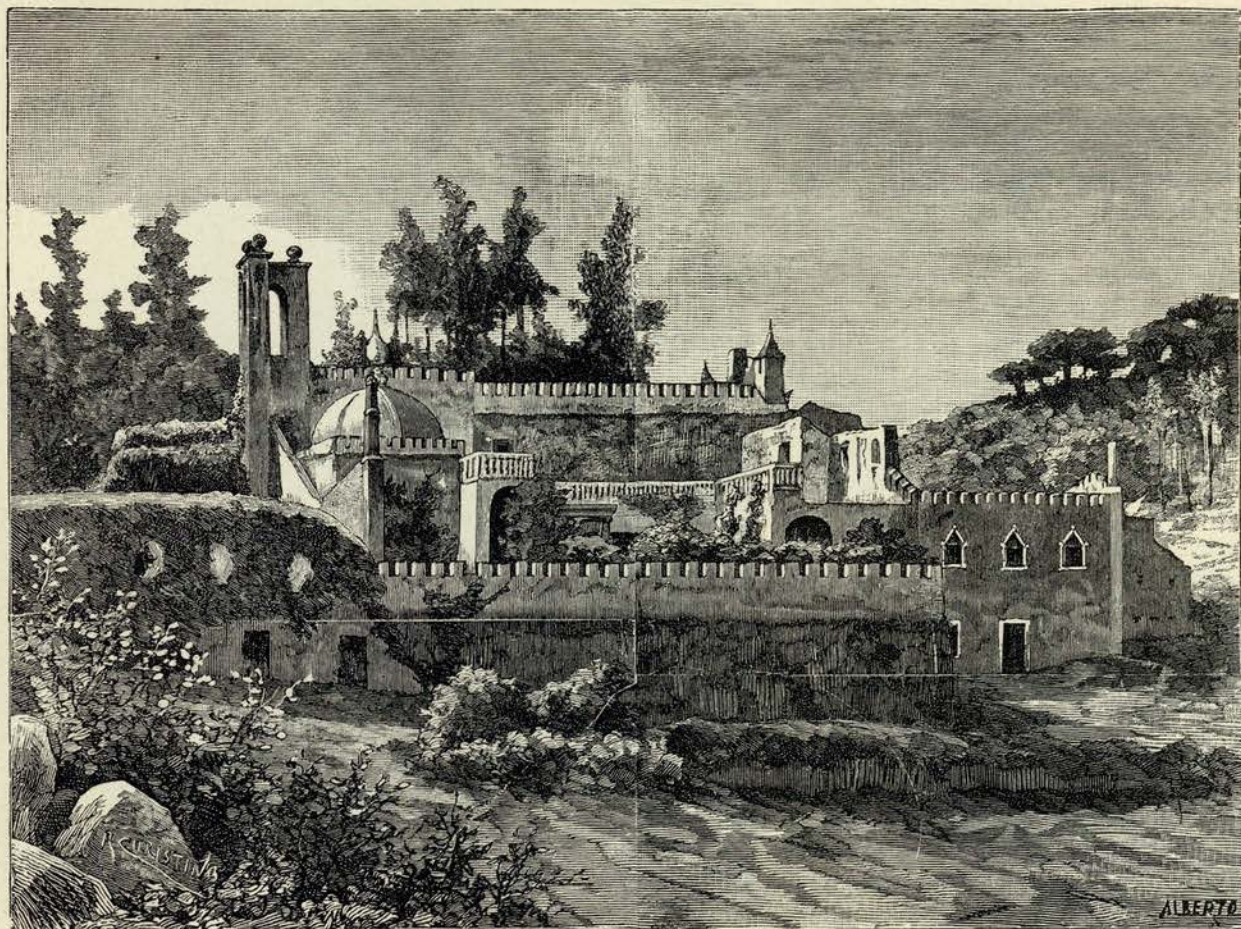
Jornalistas, escritores, artistas, encontram sempre na nossa delegação o ambiente de acolhimento familiar, já tradicional, pois se pretende que o S. N. I. no Pôrto seja um natural prolongamento da sua sede em Lisboa.

Quis o Secretariado prolongar o acto inaugural com uma significativa série de acontecimentos festivos que constituíram uma verdadeira semana de política do espírito.

(Continúa na pag. II)

Retrato do pianista Teófilo Russel, por Abel Manta. (Óleo).

O PINTOR ABEL MANTA

Têm sido raros, talvez desde sempre, os artistas portugueses que reünem os dons e os recursos que definem a individualidade do verdadeiro pintor. Até a maioria dos que possuem e cultivam um afinado gôsto pelos elementos puramente plásticos e pelo colorido, deixa observar, à transparência da pintura, uma tendência mais sincera para o desenho, a ilustração, a arte decorativa. ABEL MANTA é, no nosso tempo (com Dordio Gomes, Eduardo Viana, Mário Eloy e poucos mais) uma excepção. Mas não só por isso, diga-se, notável. A sua sensitividade não vibra apenas por impulso de uma visão directa da Natureza e das coisas, nem se expressa arbitràriamente por um aprêço mais vivo pelos materiais específicos: o pincel, o óleo, a tela. ABEL MANTA é um pintor autêntico e sério, cuja obra, pessoal e numerosa, não se acorrentou a nenhum «maneirismo» de escola ou de grupo, logrando impôr-se à admiração dos colegas, críticos e amadores de arte mais esclarecidos e isentos de preconceitos fanáticos.

ABEL MANTA—LARGO DE CAMÕES, OLEO. RETRATO DO VIOLINISTA RENÉ BOHET, DESENHO.

A QUINTA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO

ONDE ESTÁ SEPULTADA A «NATÉRCIA» DE CAMÕES

por

MORAES CABRAL

ÊSTE nosso País é tal qual uma caixinha de surprêsas. Por mais que o julguemos completamente devassado e que nos gabemos de lhe conhecer os pontos mais lindos e as preciosas obras de arte, o certo é que dê-nos na fantasia deambular pelas estradas de Portugal numa dessas manhãs em que o céu está azul, o sol acariciador e a brisa fagueira e há sempre probabilidade que nos surja uma novidade. Novidade que tanto pode ser artística — uma ermida, uma fonte, um cruzeiro — como paìsagística, — um rio que corre sinuoso, um grupo de árvores que se recorta no horizonte, o mar esbatendo-se na costa esboroada.

Tivemo-la, porém, simultânea — artística e paìsagística — num dêstes domingos ao toparmos, milhar e meio de metros andados de Vila-Verde-dos-Francos, nos primeiros contrafortes da Serra da Neve, a 55 quilómetros de Lisboa, com a quinta do Convento de Nossa Senhora da Visitação. Foi

um saloíto, esperto e ladino, quem nos indicou aquêle sítio êrmo e solitário quando parámos na vila para nos dessedentarmos. E nem sabe o garôto a alegria que nos deu, o prazer que nos proporcionou e quanto lhe estamos gratos.

Passado o portão da quinta, já nós ali descobríamos outra Sintra e outro Buçaco, tal a pujança da vegetação, luxuriante e diversa, centenas de espécies englobando tôda a gama botânica que soe ver-se naquelas rèclamadas matas nacionais. Aqui temos, espalhados por quarenta hectares, o eucalipto, tão útil à saúde e aos madeireiros, as austrálias, os cedros, os ulmeiros, os pinheiros, os medronheiros, as acácias, os chorões, e até uma araucária gigante como nunca vimos outra igual em terra nossa. Depois, um silêncio integral, aquele silêncio etéreo que convida ao repouso e à meditação e que, por ser Outono, nem sequer tinha a quebrá-lo o chilrear da passarada.

Fomos subindo e velha tôrre sineira, em ruínas, desviou-nos a curiosidade para o antigo convento dos Franciscanos Recoletos da província de Xabregas, de que a quinta faz parte integrante pois pertencia ao seu fundador D. Pedro de Noronha, donatário de Vila-Verde, que a utilizava

Um aspecto do pórtico da igreja do Convento.

O lago da Quinta do Convento de Nossa Senhora da Visitação.

A casa actual da Quinta do Convento.

A Tôrre Sineira do Convento de N. S. da Visitação.

como sítio de recreio antes de doá-la para aquele benemérito fim. Destinaram-na os austeros frades para local de penitência e, desde 1540, data em que se inaugurou, até 1834, em que foram extintas as Ordens Religiosas, habitaram-no dezenas de franciscanos, dos quais os últimos treze tinham por guardião Frei Guilherme António da Costa.

A par da tôrre sineira fica a Sala do Capítulo encimada por uma cúpula de manifesta influência oriental. No seu interior e a tôda a volta, vimos restos de azulejos seiscentistas e, sôbre toscos cachorros, os bancos de madeira onde se sentavam outrora os Franciscanos afim de deliberarem sôbre a administração do Convento ou punir alguma falta, para nós talvez leve, mas gravosa em demasia aos olhos de quem se retirara do Mundo num desejo ardente de purificação total da alma e do corpo.

No teto oitavado, em caixotões, uma série de desenhos de traça ingénua e primitiva conta-nos o Martírio de Nosso Senhor. Lá está a túnica que o revestia quando marchou para a morte, a coroa de espinhos com que lhe cingiram a fronte, o chicote que serviu para açoitá-lo, a escada em que subiu à Cruz.

(Continúa na pág. IV)

FOTOS MANUEL GONÇALVES

Miramar

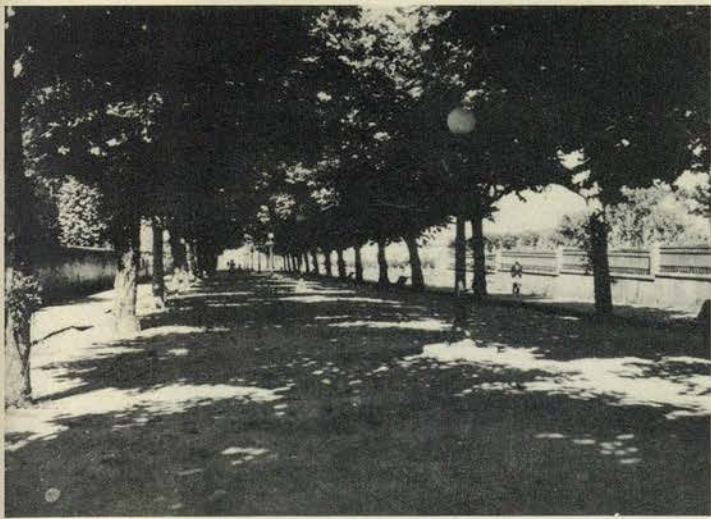
PRAIA DE JARDINS E PARQUES FLORIDOS

MIRAMAR é uma das excelentes praias da Costa Verde, que se seguem a Espinho, na direcção de Vila-Nova-de-Gaia.

Delineada pelo escultor Teixeira Lopes, vemo-la com arruamentos amplos, ladeados por lindas vivendas cercadas de parques cuidadosamente tratados.

A vegetação, ensombrando os seus jardins e avenidas, atenuando a intensidade da luz, proporciona uma temperatura amena e dá-lhe o grande ar de frescura que a converte numa deliciosa estância de repouso à beira-mar.

Em Miramar podem fazer-se passeios muito agradáveis. Entre êles destacamos a visita à Capela do Senhor da Pedra, situada sôbre uma rocha. Aí existe uma bela imagem de Cristo. «Miramar onde as rosas trepam sôbre o tronco dos plátanos, poderia denominar-se a praia florida».

FOTOS DE A. D'ARAUJO BALTAZAR

BORDADOS PORTUGUESES

POR

MANUEL CALVET DE MAGALHÃES

A arte do bordado em Portugal não nos oferece o menor elemento para seu estudo, senão numa época relativamente tardia. No entanto, o bordado em Portugal é muito antigo, existindo documentos impressos no mesmo ano em que se editaram os Lusíadas, isto é, em 1572, pelos quais se prova terem as indústrias lisbonenses sido reformadas, incluindo a dos bordados.

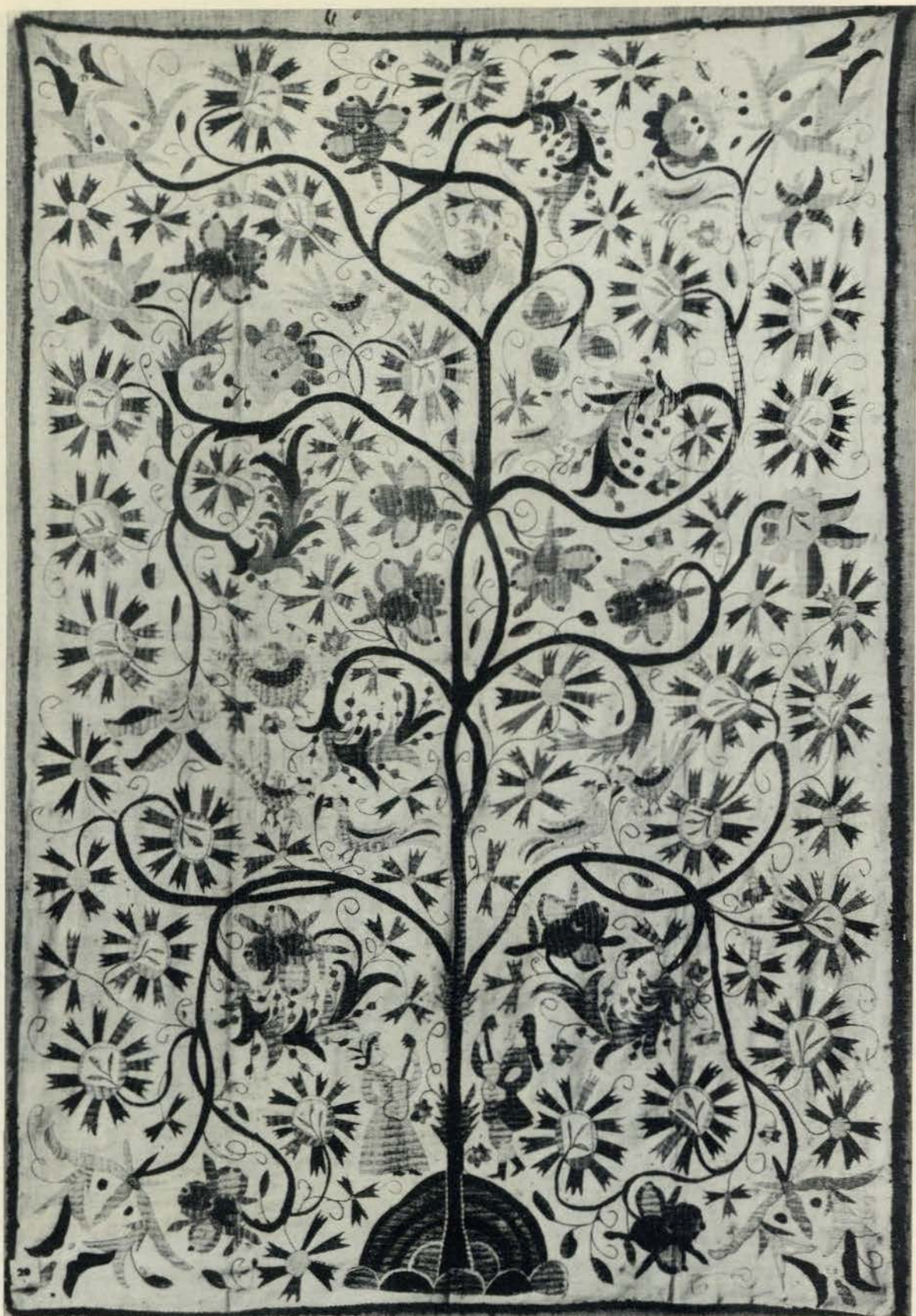
A Igreja, pela riqueza dos seus ornamentos e pela opulência das vestes sacerdotais, contribuíu especialmente para o desenvolvimento desta indústria. O total de bordadeiras no século XVI *era mesmo considerável.*

Francisco de Holanda não se esquecia de evidenciar quanto o desenho era indispensável para a bordadura das vestes sacerdotais e é dêle o desenho para o pontifical de Belém — bordado, ao que parece, pelas mãos de D. Catarina, mulher de D. João III.

Pela narrativa de Garcia de Resende, sabe-se que o casamento de D. Beatriz, filha de D. Manuel I, deu lugar a uma das mais extraordinárias festas que se realizaram nas côrtes portuguesas. A nau que a devia conduzir a Itália, era ricamente forrada e toldada de bordados, sêdas e veludos. Deslumbra o luxo asiático que, então, se desenvolveu, e que só se explica pela frase do cronista — que Portugal a êsse tempo estava o mais rico Reino dos Cristãos.

Uma das manifestações mais interessantes de arte industrial provocada pelo contacto dos portugueses

Bordado português do século XVII. Colcha de linho branco, policromada, bordada a ponto de cadeia e ponto atrás.

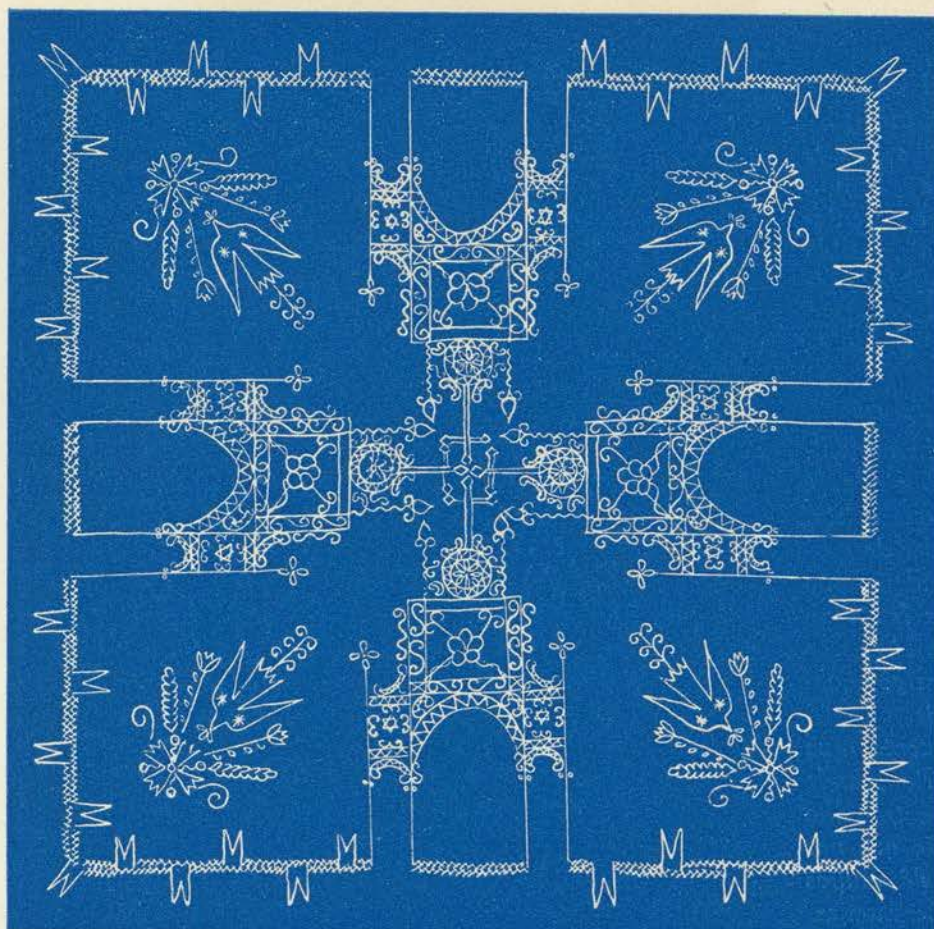
Bordado datado de 1768 cuja origem de fabrico é ainda um caso a esclarecer, mas interessante pela analogia da composição com alguns tipos das colchas de Castelo-Branco. Colcha bordada a matiz de uma face, ponto lançado, oriental e vários pontos de fundo.

Bordado português de Castelo-Branco. Colcha do tipo popular, século XVIII, colorida com harmonias de côres opostas e bordada a ponto oriental

com o Oriente é constituída pelos bordados. A 5.ª exposição temporária do Museu Nacional de Arte Antiga (colchas bordadas indo-portuguesas dos séculos XVII *e* XVIII*), apesar de ser constituída por um número restrito de peças apresentadas, não deixou de constituir, devido à qualidade e certa diversidade de exemplares portugueses e orientais, subsídio importante para o estudo desta arte.*

As colchas da Índia e da China, bordadas a matiz e a ouro, eram vulgaríssimas entre nós e ainda é importante a quantidade que existe, na sua maior parte no poder de particulares. Eram restos do abundante espólio, que colhemos da Índia no século XVI. *Os nossos guerreiros não se esqueciam de trazer consigo aqueles ricos bordados orientais.*

Em Portugal, foi nos conventos que a arte de bordado adquiriu grande perfeição pois constituía o trabalho cotidiano. É por esta razão que nas antigas crónicas se lhes dá muitas vezes o nome de obra de monjas. *Não eram, porém, apenas as mulheres dedicadas à vida claustral que se entregavam ao trabalho de fiar, coser e bordar. Essas ocupações tomavam grande lugar na existência das mulheres nobres exercitando-lhes a delicadeza das mãos e do gôsto. O bordado auxiliava a suportar o isolamento das casas senhoriais, num tempo em que os homens se retinham em países longínquos, e numa época em que a raridade das comunicações tornava as mudanças de lugar difíceis e confinava a mulher no interior da sua habitação, — rainha no seu lar.*

O bordado alcançou, no entanto, entre nós, o seu renascimento no tempo de D. João V que encheu algumas igrejas com bordados, a maioria importada, podendo-se observar grande soma dêles no convento de Mafra. (É de lastimar sòmente, que não sejam todos obra de mãos por-

Peitilho de blusa bordado a cheio e composto sôbre motivos de Guimarães (dos corpetes de fatos de trabalho das lavradeiras). Trabalho da Escola Industrial de Machado de Castro (curso de bordadeira-rendeira).

Toalha em bordado linear composto sôbre motivos da vida do povo português. Trabalho da Escola Industrial do Marquês de Pombal. (curso de costura e bordados).

tuguesas que os executariam com a mesma delicadeza e perfeição). Hoje, entende-se, por bordados portugueses, os bordados típicos, próprios de certas regiões, onde se instituíram e conservam tradicionalmente. São os bordados a sêda frouxa de Castelo-Branco em matiz decorativo; os bordados de Viana-do-Castelo em lãs ou algodão, em tule ou a ponto de cruz; os crivos e bordados a cheio de Guimarãis; os bordados a branco da Ilha da Madeira e de Tibaldinho; os crivos e bordados a matiz dos Açores, os fios tirados, sem ou em crivo dos alinhavados, caramelos, ou desfiados *de Niza; as tapeçarias de Arraiolos e tôda uma infinidade de géneros onde a mulher portuguesa em todos os lares, desde o mais humilde ao mais rico, evidencia a sua grande arte.*

Os bordados populares dominam actualmente nos sectores artísticos sentindo preferência pelo processo de fios contados, enquanto o bordado erudito se rende mais à prática do bordado livre, explicando êste facto, entre muitas coisas, a maior expansão e variedade dos seus motivos ornamentais e a marcada evolução que o erudito segue, enquanto o popular se enquista como apegado a fórmulas que parecem inalteráveis. A reprodução e execução dos bordados a fios contados (tapeçaria, ponto de cruz, fios tirados, etc.), por ser mais fácil, justifica a sua grande voga, embora os pontos dêm ao bordado um aspecto forçadamente geométrico.

Uma das principais lições a tirar das bordadeiras populares é que raras vezes elas deixaram que o seu trabalho fôsse prejudicado pela ânsia de reproduzir a natureza de uma forma realística, o que se por um lado pode ser atribuído à sua incompetência para bem desenhar, por outro os resultados obtidos provam que o trabalho directo sôbre o material escolhido, como meio de expressão, resultou bem melhor talvez do que teria sido possível obter pela execução de desenhos cuidadosamente pre-

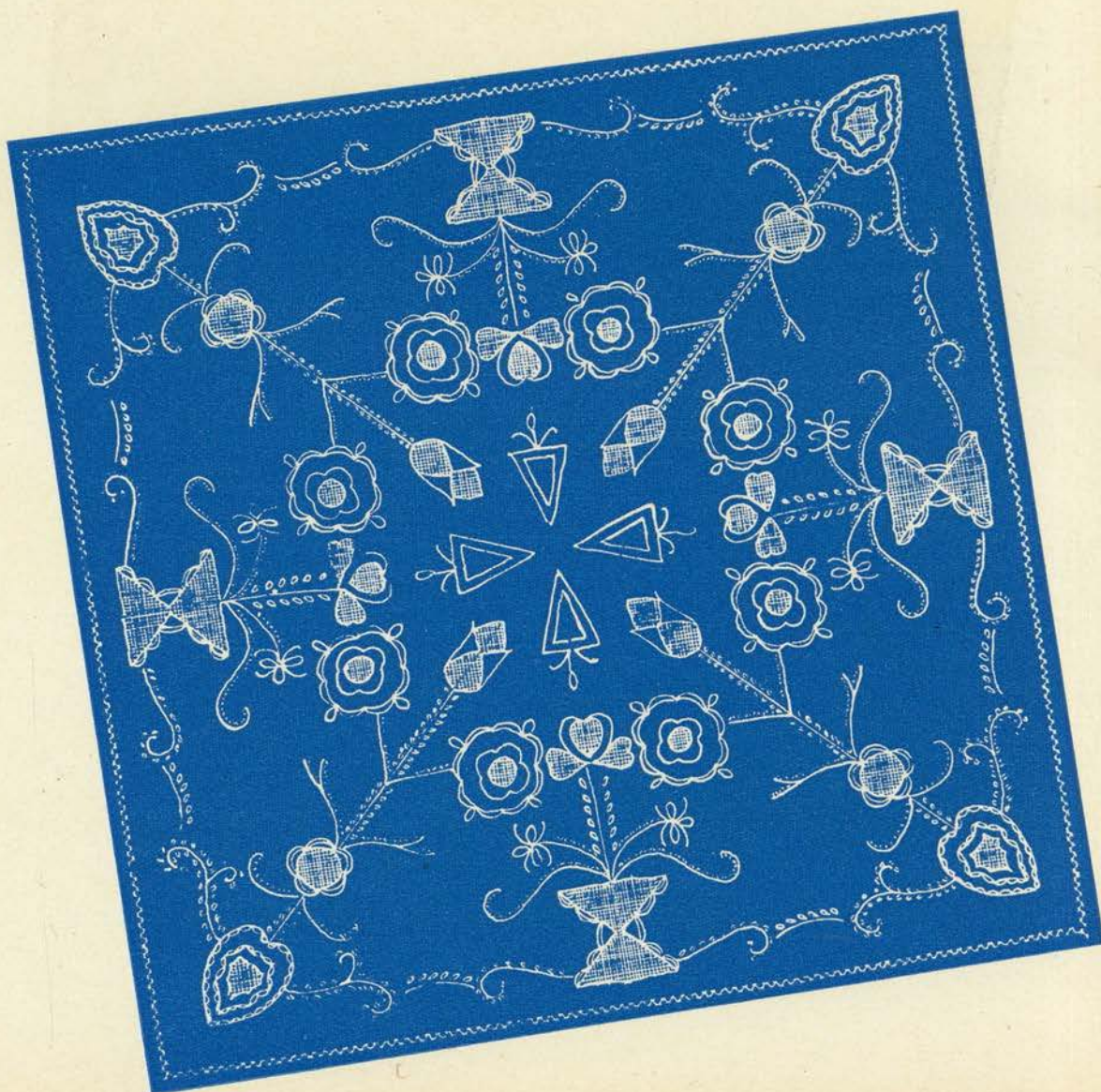
Estudo de bordados tradicionais. Pano de Guimarães, bordado a branco, do século XVII, com crivos, cheios e outros pontos. Trabalho da Escola Industrial de Fonseca Benevides (curso de lavores femininos).

parados como no bordado erudito. O bordado popular é quási sempre bonito ou porque é alegre ou rico ou fantasista, mas o trabalho mais sério pode encontrar-se no erudito.
A arte da bordadeira era julgada antes pela habilidade das suas mãos do que pela sua visão, e tudo o que apresentasse uma dificuldade extraordinária de execução recebia sempre elogios, ainda mesmo não tomando em conta a sua finalidade ou significação. Daí a crescente e abastardada repetição de modelos «tradicionais» por meio de cópia. Decalques e não desenhos inventados, o que torna impossível obter inteira satisfação de um trabalho limitado à reprodução de ideias já gastas.
De uma maneira geral, a bordadeira dedica demasiada atenção aos pontos de bordado e muito pouca ao desenho. Os pontos de bordado são importantes, proporcionam interêsse e contextura, mas o desenho é de primordial importância; sem êle, o trabalho de agulha por mais complicado e mais variado que seja, não resultará, ao passo que com a simples ajuda de um ou dois pontos diferentes cuidadosamente trabalhados — se o desenho e a côr fôrem bons — poderá obter-se um trabalho inteiramente satisfatório. Adquirir-se-á mais tarde a variedade de pontos.
A arte reside na escolha e aplicação exacta dos pontos. Pode-se mesmo ir mais longe e afirmar que a Arte principal não é função dos pontos, mas sim do desenho profissional da escolha exacta do tecido e linhas, da graduação de côres e tons, etc.
Em muitas exposições de bordados, é desolador ver a quantidade de trabalho feito por pessoas, das

quais só se pode dizer que perderam o seu tempo fazendo pontos bonitos sôbre um desenho inferior. Tôdas as épocas, têm que deixar para trás o seu próprio trabalho. Infelizmente tem havido recentemente uma grande voga de cópia de velhos modelos de bordado e existem mesmo escolas que encorajam êsse sistema como fim. A tradição é de valor incalculável e seria absurdo pensar que se poderia passar sem ela. Deve ser, porém, utilizada inteligentemente. Métodos diferentes de desenho e de pontos deveriam ser estudados de forma a permitir encontrar os melhores expoentes de cada época, e o conhecimento assim obtido seria, então, empregado pelo nosso próprio esfôrço de criação de um desenho inédito.

Um decalque de qualquer género não dá a ninguém verdadeiramente satisfação, e a idéia de copiar aquelas «velhas côres tão suaves» é uma tolice. Aquelas côres, quando trabalhadas originalmente, eram na melhor das hipóteses tão vivas como as de qualquer lã apresentada hoje. Que aspecto terão essas cópias, que são executadas com côres tão esbatidas, daqui a alguns anos?

Actualmente os bordados, graças à metodização do ensino empregado em algumas escolas industriais, infelizmente ainda poucas, renascem sob uma forma verdadeiramente artística e ornamental, e situando-se como uma invenção de hoje, expressando a época actual com a técnica governada pelo desenho criador.

Renovamento de tipos tradicionais. Toalha em bordado de algodão de Viana-do-Castelo, bordada a branco sôbre tecido azul e composta sôbre motivos próprios da região. Trabalho da Escola Ind. do Marquês de Pombal.

O DESPORTO DA VELA EM 1945

por

ANTÓNIO DE MENESES

PODE-SE dizer sem receio de exagêro que o desporto náutico é uma das modalidades que mais se têm desenvolvido em Portugal na última dezena de anos.

Quando Salazar, em Dezembro de 1933, prometeu aos desportistas em parada, a construção do Estádio Nacional, e lhes manifestou, numa frase que mais tarde os clubes náuticos tomaram como lema de trabalho — a sua pena por saber aos domingos os cafés cheios de jovens discutindo política, e ao mesmo tempo ver deserto o nosso Tejo maravilhoso, sem que nêle remassem ou velejassem, aos milhares, os filhos dêste País de marinheiros — um novo movimento se iniciou. A «Mocidade Portuguesa», num notabilíssimo esfôrço, espalhou pelo litoral e pelo Império, os seus Centros de Vela, a «Brigada Naval» criou a Secção de Desportos Náuticos que foi, por assim dizer, a centralização oficial dêsse movimento de ressurgimento da náutica de recreio, e os

clubes existentes ganharam ânimo, pelo interêsse que viram surgir de parte das entidades oficiais, chegando-se à fundação de algumas novas agremiações.

Os desportistas náuticos vivem hoje bastante contentes com o estímulo que recebem nos donativos pecuniários para as despesas da sua actividade em proveito da cultura física, na legislação que os organiza e os defende, no apoio que lhes é concedido, pelo lado oficial, às suas

iniciativas. Já existe uma doca de abrigo para os *yachts*, um fundeadouro em Pedrouços devidamente policiado, dispõem de um vasto pavilhão em Belem para a recolha das pequenas embarcações de regata, e estuda-se o projecto de ampliar o que está feito e de proporcionar novas regalias afim de que a campanha intitulada «Rumo ao Mar!» prossiga no mesmo ritmo, como é necessário.

Quem fizer hoje a pequena viagem marginal de Lisboa a Cascais, já não dizemos ao domingo, mas ao sábado e até em qualquer outro dia da semana, na Primavera ou no Verão, terá ocasião de verificar a amplitude dêsse ressurgimento, pela multiplicidade de embarcações de todos os tipos que velejam no Tejo, e muito especialmente no grande centro náutico de Pedrouços e nos outros vértices dos triângulos habituais de regatas,— a Trafaria ou a Cova do Vapor, e as praias de Caxias ou do Dafundo.

Anualmente, a Federação Portuguesa de Vela, publica no mês de Março o seu Calendário de Regatas, para o qual concorrem as organizações de provas de quási todos os clubes e agremiações náuticas federa-

rentes tipos de barcos usados pelos nossos velejadores, o que leva a algumas centenas de largadas para corridas.

Entre estas, algumas têm um alto significado desportivo, como por exemplo os Campeonatos regionais e nacionais das várias classes de barcos de regata. O Campeonato Universitário, entre equipas das várias Faculdades e Escolas Técnicas, e organizado pela «Mocidade Portuguesa», desperta todos os anos grande

das. Em todos os sábados e domingos, desde o mês de Abril ao de Novembro ou Dezembro, se realizam competições de grande interêsse, quer no estuário do Tejo até Vila-Franca-de-Xira, Barreiro e Seixal, ou nos Estoris e Cascais, quer em Leixões, quer em muitas outras localidades marítimas como Aveiro, Figueira-da-Foz, Esposende, Viana-do-Castelo, Setúbal, Albufeira, Portimão, etc.

No ano corrente, esta actividade atingirá um brilho excepcional, com a efectivação de mais de cem regatas, entre as quais se encontram muitas vezes cinco e seis provas para os dife-

entusiasmo entre os mais jovens velejadores. A disputa do *Trofeu Salazar,* em que os barcos maiores, da classe de Mar Alto, largam de Pedrouços, e vão fazer a rondagem das Berlengas, regressando ao Estoril, é uma prova oceânica árdua, que exige de parte das tripulações concorrentes um certo endurecimento das suas qualidades de resistência e de vigor na vida de bordo, um grande sentido marinheiro, e lhes porporciona algumas horas de viva emoção.

(Continúa na pág. VI)

FOTOS DO AUTOR

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

ANTES E APÓS A SUA RECENTE REMODELAÇÃO INTEGRAL

FORAM oficialmente inauguradas (em 14 de Abril) as novas instalações do Museu Nacional de Arte Contemporânea, de que é actual director o artista e crítico de arte Diogo de Macedo. Uma nova entrada — na rua de Serpa Pinto — dá agora acesso às salas do corpo do vetusto edifício que desde 1911 foi destinado a conservar e a exibir as produções de arte representativas das correntes estéticas contemporâneas.

A porta abre para um pátio ajardinado, com estátuas ao ar livre, entre loureiros e ciprestes. Ao fundo, uma escadaria de três lances, sob um telheiro alpendrado. Vale a pena parar alguns momentos no patamar: daí se observa, numa perspectiva bem estudada, o longo pátio, em que as esculturas se destacam do branco do alto muro, entre felizes combinações de verdura. As primeiras impressões que os visitantes colhem, são, assim, de amável hospitalidade, de alegria e ... de higiene.

FOTOS DE MARIO NOVAES

Como se encontra agora e como era dantes uma das salas do Museu. Observe-se a melhoria de iluminação, o prolongamento da perspectiva e a sobriedade ornamental.

O pátio ajardinado da nova entrada do Museu Nacional de Arte Contemporânea (com porta para a Rua de Serpa Pinto).

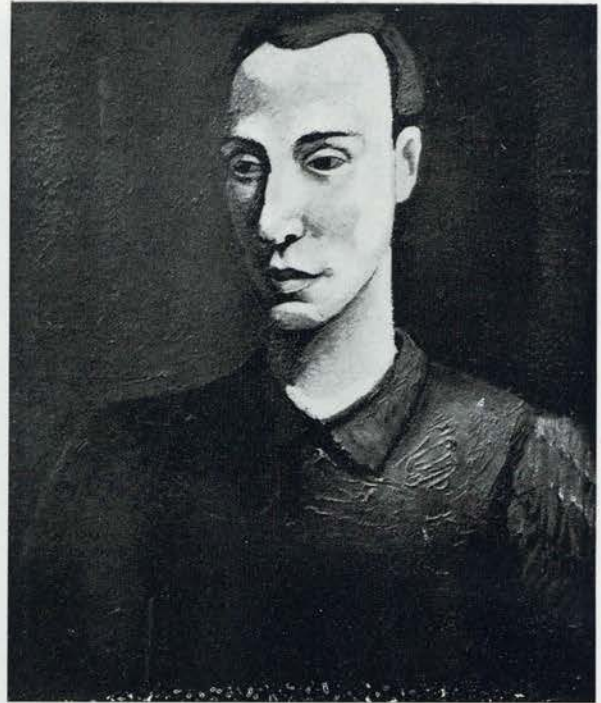
«Leitura de carta». Óleo de Alfredo Keil. — Em baixo: Outra sala que foi radicalmente transformada.

Quem conheceu as antigas instalações do Museu, para o qual se entrava — justamente pelo lado oposto do edifício — por uma porta estreita, descendo uma escada triste que conduzia a uma sala deficientemente iluminada, fica logo a compreender que a remodelação não se limitou a uma simples alteração de pormenores, mas que foi, por assim dizer, integral.

A sala que era, outrora, a última, passou a ser a primeira, agrupando-se nela as obras dos artistas portugueses do primeiro quartel do século XX, destacando-se a homenagem devida a um dos pintores que mais vigorosamente marcaram as características da

O actor António Pedro, num óleo de Columbano. — Como se vê agora e como era, antes da recente remodelação, outra sala do Museu.

sua época e que, além disso, foi o terceiro Director do Museu: — Adriano de Sousa Lopes.

Seguem-se, a esta, mais 7 salas, criteriosamente arrumadas e obedecendo, no ponto de vista arquitectónico e ornamental, aos princípios fundamentais da moderna técnica museológica: — bom arejamento, harmónica e suave distribuição de luz, largueza de perspectivas, descongestionamento das obras expostas. «Quanto à ordem da exposição, em instalação provisória e insuficiente e, para mais, sujeita a condições impostas por motivos transactos e respeitáveis, (como se diz no prefácio do excelente *Catálogo-Guia* que Diogo de Macedo fêz publicar), apenas se atendeu a efeitos de conjunto e a divisões

Retrato de Senhora, por António Ramalho. – Auto-retrato de Mário Eloy. – Póvoa-do-Varzim, por Marques de Oliveira. (Óleos).

por núcleos, visto a impossibilidade de quaisquer outras modificações. A falta de espaço e os compromissos da instalação terão de ser solucionados pela renovação periódica de exposições. Aliás, um museu de arte moderna nunca pode ser definitivo, com o carácter estático e completo de qualquer outro».

(Continúa na pág. VIII)

HENRIQUE POUSÃO — AGUARELA (Roma 1882)

UMA ADMIRÁVEL OBRA PEDAGÓGICA

INSTITUTO DE
ANTÓNIO AURÉLIO DA COSTA FERREIRA

O Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira, que funciona como Dispensário de Higiene. Mental Infantil no país para observação de crianças anormais, foi fundado pelo seu patrono, em 1916.

Neste edifício de linhas sóbrias, de uma arquitectura simples, mas atraente, de ambientes interiores adequados aos fins a que se destinam, acolhe-se uma população infantil, cujos caracteres específicos de anormalidade mental requerem observação científica e tratamento apropriado.

Um corpo médico-pedagógico e um pessoal técnico especializado dirigidos pela comprovada competência do seu director, velam, com o seu saber e a sua compreensiva dedicação, essa colmeia de espíritos débeis, que a ciência e uma carinhosa assistência de ternura humana lutam por curar e melhorar, numa obra de grande alcance social.

Uma obra que é um sonho, um sonho acordado, de olhos bem abertos para uma realidade, já de si frágil, que é a infância, e demais uma infância a que o Destino não poupou, em seus desígnios, com a deformação leve ou profunda da sua mentalidade incipiente.

Estudar, observar, instituir uma norma de vida adequada a cada caso, é obra científica, fundamentada, séria, mas fazer acordar nesses pequenos seres, de psique intranqüila ou desviada, a luz de uma lucidez normal, os estímulos na vida de relação humana e amparar o regresso à saúde desejada, é também obra de ternura, é obra de poesia.

Esta admirável realização, em nosso meio, não é obra anónima.

Se para ela concorrem todos os que nela trabalham, merece especial referência, por direitos adquiridos, o seu Director, o ilustre homem de ciência e professor Doutor Vitor Fontes.

Animador ferveroso da causa da anormalidade infantil, eis um homem que alia à competência profissional segura e profunda a presença de uma sensibilidade delicadíssima e uma terna compreensão da alma infantil.

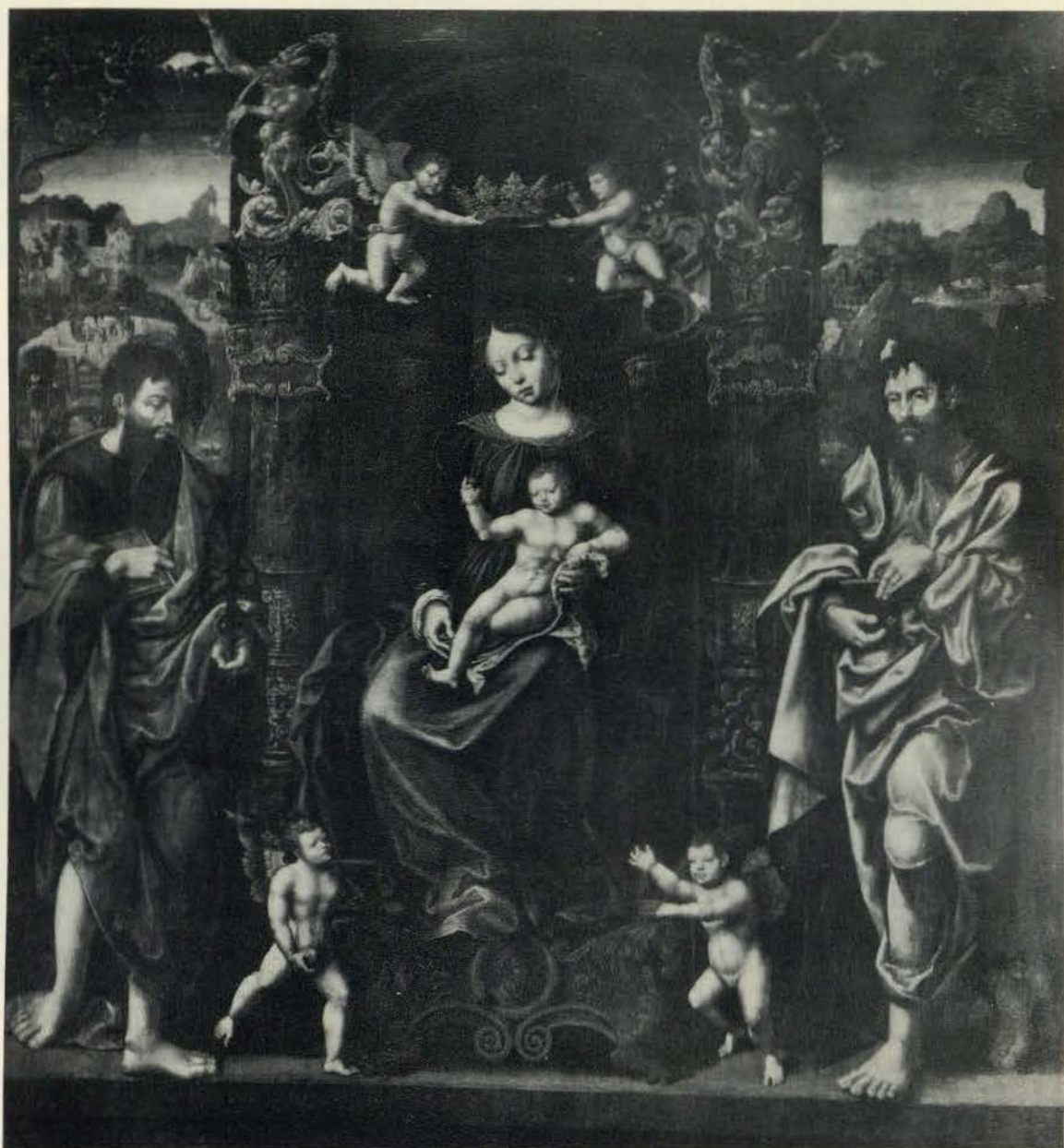
Tôda essa complexa psique da criança, todo êsse segrêdo originário da infância, tem nele, desvelado modelador de pequenas almas, um prevenido e atento perscrutador. Uma disciplina feita de aliciente persuasão, de discreta autoridade, de amorosa condução. E eis uma obra que se eleva pelos fins que pretende atingir e que se impõe pelos processos utilizados com tão benéficos proveitos. Nesta benemérita instituïção, as crianças são cuidadosamente estudadas, em regime de observação, nos laboratórios, classes, dormitórios e na sua vida habitual e cotidiana. Observado e classificado o caso, consoante o grau e a espécie de anomalia mental, a criança é submetida ao regime de tratamento psíquico: reeducação mental, da fala, motora, etc. Concluído o tempo de observação e tratamento, a criança é entregue às instituïções da especialidade já existentes.

Entre outras funções do Instituto, destaca-se a de preparação do pessoal técnico para o ensino e tratamento das crianças anormais.

Com o interêsse de investigação científica, possui o Instituto o seu boletim próprio, intitulado «A criança portuguesa», onde se publicam trabalhos de especialistas nacionais e estrangeiros sôbre médico-pedagogia.

O tear, a classe infantil de jogos sensoriais, a livre modulação, em que os alunos revelam as suas faculdades manuais e psicológicas, respeitando-se a individualidade da criança, são aspectos da vida íntima do Instituto, que se não esquecem.

Luz, sol, confôrto, e não riqueza, o arranjo conveniente, a alegria nos refeitórios, o interêsse artístico das paredes, decoradas pelos alunos, o ambiente quási familiar, servem de estímulo e apêgo à casa onde vivem.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

«Nossa Senhora do Amparo», existente na Sé do Funchal, cuja autoria se atribui a Jean Gossart, mais conhecido por Mabuse (séc. XVI). Segundo Luís Reis Santos, é uma das mais belas e características pinturas da Renascença conhecidas em território português. A Sé do Funchal possui uma notável colecção de quadros, que pertencem na sua maior parte à Renascença flamenga, alemã e portuguesa e à escola espanhola de séc. XVII. Esta riqueza em obras de arte estende-se também a outras igrejas da ilha.

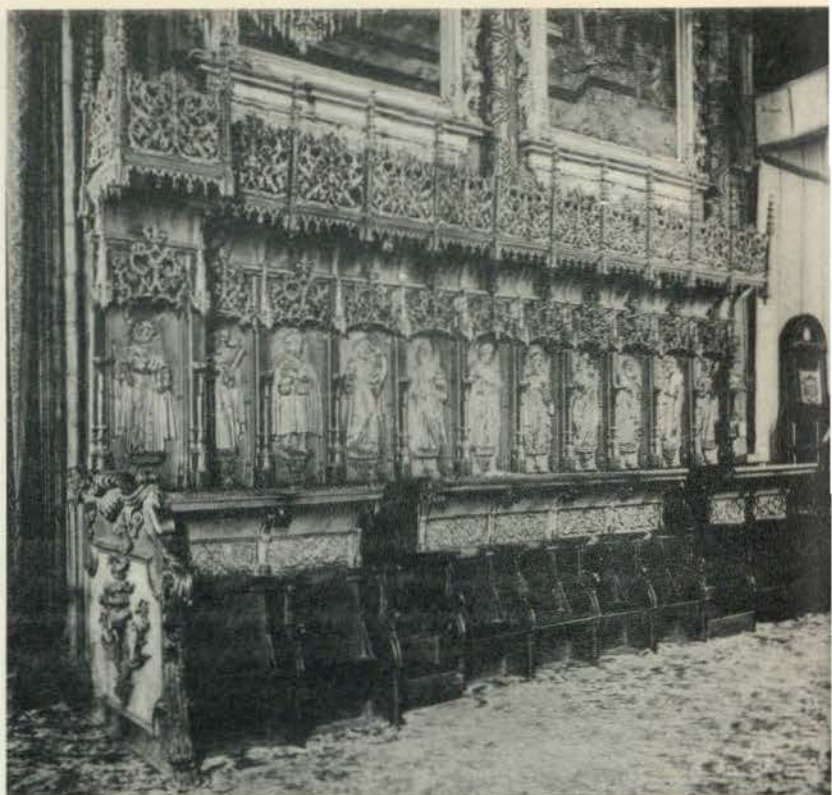
ILHA DA MADEIRA

«que do muito arvoredo assim se chama . . .»

por CABRAL DO NASCIMENTO

O turismo — se assim se diz agora, é forçoso que nos conformemos com a palavra — destina-se em especial aos adultos, e já bastante adultos; a gente nova ignora essa arte ou, pelo menos, não a compreende. O pensamento das crianças e dos adolescentes está cheio de coisas menos positivas, porém mais consentâneas com a sua sêde de sobrenatural, de transcendente, de incognoscível. Só depois de ter explorado os recessos do seu mundo interior é que o homem se volta para a natureza e começa a admirar o que o circunda. O interêsse pela terra, quer nossa quer estranha, principia quando sentimos que, com a vida, a temos de abandonar, — e para sempre. Stendhal escreveu aos cinqüenta e cinco anos as Mémoires d'un Touriste, *quando já havia profundado as regiões psíquicas de um Julien Sorel.*

A êsse interêsse pela paìsagem juntam-se às vezes mil outras circunstâncias ao mesmo tempo fúteis e ponderosas mas sempre susceptíveis de obrigar a uma deslocação para mais ou menos longe. Além dos cenários naturais, dos monumentos, de certos vinhos afamados e de certas águas prodigiosas, outros motivos existem para a deambulação voluntária sôbre o planeta.

O Príncipe Dimitri Trépof (lembram-se do Crime de Sylvestre Bonnard?) *viajava em cata de exemplares raros para a sua colecção de caixas de fósforos; Topsius vasculhava o lixo arqueológico do Velho Egito com a ânsia de estabelecer maior exactidão quanto a uma parede de tejolo erguida por Rameses II. Há sempre, em qualquer parte, qualquer coisa capaz de despertar a curiosidade, ou satisfazer um desejo, ou curar uma dispepsia. Certos povos sofrem de uma necessidade periódica de partir seja lá para onde fôr, ver o que quer que exista, respirar outros ambientes, fugir ao ramerrão quotidiano. Entre nós, a coisa é menos freqüente. Espera-se, em geral, a sugestão alheia. Consultam-se os amigos, as pessoas conhecidas, ouvem-se opiniões autorizadas «dos que já estiveram lá», solicitam-se esclarecimentos de ordem prática, exigem-se fotografias...*

São, precisamente, as fotografias aqui presentes que me sugerem tão variadas considerações. Folheio estas páginas de álbum com uma sensação deliciosa de inércia física e intelectual: no-thought and no-feeling, *como a personagem de Rosamond Lehmann no final de* Dusty Answer. *Se os estrangeiros não tivessem de há muito descoberto os recursos inesgotáveis da Madeira como lugar de descanso, a nós portugueses competeria agora fazê-lo, compenetran-*

Cadeirado da Sé do Funchal (séc. XVI). — Caminho do Curral das Freiras.

do-nos das suas grandes possibilidades nesta matéria. Como tudo isto é repousante! Como tudo isto é calmo e silencioso!

«Passámos a grande Ilha da Madeira

Que do muito arvoredo assim se chama,

Das que nós povoámos, a primeira...

Tê-la-ia conhecido, o Camões? Não digo já como excursionista, mas nas suas andanças de funcionário público ultramarino é natural que por ali passasse, — como mais tarde Antero, na rota obrigatória da carreira insulana. Êste, porém, era demasiado metafísico para se preocupar com semelhantes ninharias. No entanto, António Nobre...

Deixemos os poetas e regressemos à ilha. Um notável progresso se observa na escolha dos elementos de atracção local: valorizam-se os aspectos artísticos, ora enquadrando-os na paisagem ora facultando o acesso até êles. O turista não vive só de belezas naturais; saciado do que saíu das mãos de Deus — a suprema perfeição pode chegar a ser fatigante — procura o que fizeram os homens, que neste ponto competem com a Divindade, passe a blasfémia. E por que não? A vontade de criar é o que nos conserva no mundo, não nos deixando submergir, lutando

Porta principal da Sé Catedral do Funchal, templo gótico, mandado construir por D. Manuel I. — Pico Ruivo (1861 m. de alt.), o ponto mais elevado da ilha, de onde se vê todo o sistema orográfico da Madeira.

contra todos os obstáculos, dando--nos fôrças para vencer o espírito destruïdor desencadeado pelas fôrças do mal.

A distância a que fica uma terra em relação aos centros populosos mais importantes em nada prejudica o seu valor nem lhe diminui probabilidades de ser visitada. É, muitas vezes, uma vantagem. Aumenta-lhe o prestígio, cercando-a de milhas e milhas de isolamento e de paz, de tranqüilidade e de silêncio. Pode ser agradável a velha fórmula de uma «quinta com porta para o Chiado», mas seria desconcertante entrar numa ilha atlântica sem ter atravessado outra coisa senão a ponte da rua do Alecrim. O mar, então, é balsâmico. O enjôo, para os que dêle padecem, pode ser depurador e até reconstituinte. Tudo deve estar previsto na natureza como salutar, em princípio — até os tremores de terra — uma vez que a humanidade não concorra para a eclosão dos grandes ou pequenos cataclismos. Mas, quanto aos apressados — e ainda no caso da Madeira — nada obsta a que se sirvam das «conquistas do progresso» como se dizia no princípio dêste século. Não há ainda um aeroporto, algures no distrito do Funchal? Francamente? Ter-se-iam esquecido? Não, isso deve correr pelas respectivas repartições; mais dia menos dia será uma realidade. É que nem todos gostam apenas de voar em espírito. Para mim êste último sistema é mais seguro e compensador, — mas não garanto que seja sempre o mais rápido.

Centro da Cidade, vendo-se o edifício da Junta Geral, (séc. XVIII) a tôrre da Sé (séc. XVI) e a estátua de João Gonçalves Zarco. — Os baixos relêvos da estátua de Zarco, do escultor Francisco Franco.

A LIÇÃO DE CASTELO-BRANCO

por ANTÓNIO FERRO

Palavras que o Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, escreveu para a inauguração do Hotel de Turismo de Castelo-Branco

Foi com muito prazer, mais ainda, com sincera alegria que aceitei o convite para vir inaugurar, finalmente, êste simpático e utilíssimo hotel que representa não só um grande benefício para Castelo-Branco como, de um modo geral, para o turismo português. Os homens que o conceberam e construíram, animados por grande fé patriótica e por grande amor pela sua terra, sonharam talvez demasiado grande para as possibilidades locais dêsse momento. E por isso, durante alguns anos, êste gracioso edifício, obra excelente do arquitecto Veloso Reis, foi «La belle au bois dormant» de Castelo-Branco.

Para que serviria? Qual o seu destino? E estas salas vazias povoavam-se de sonhos, de festas esplêndidas, de maravilhosas imagens, não só erguidas por vós todos, habitantes amorosos da vossa clara cidade, como pelos próprios forasteiros que passavam, ràpidamente, de automóvel, mas cujo olhar procurava penetrar, ainda que em rápidos segundos, através das vidraças, o mistério da silenciosa casa...

Mas êsses primeiros sonhadores, que fôram acusados do delírio das grandezas, tiveram, afinal, razão.

É que êles conheciam a têmpera dos homens da sua terra, é que sabiam que os seus patrícios, ainda que pudessem criticá-los não os deixariam ficar mal... E foi o que aconteceu. Êste hotel principiado pela antiga Comissão de Iniciativa, continuado pelas Comissões de Turismo que lhe sucederam, concluído recentemente, pela actual Câmara Municipal, tão eficaz e diligente, foi agora pôsto a funcionar, sem qualquer subsídio, por um

grupo de «homens bons» de Castelo-Branco que se decidiram a completá-lo, heròicamente, homens que souberam defender a sua terra da humilhante chaga de uma ruína sem passado, nova... Não quiseram êsses homens (é preciso prestar-lhes essa justiça) fazer um negócio, apenas um negócio (sabem muito bem a que se arriscam...) mas prestigiar, sobretudo, a sua terra, civilizá-la cada vez mais. Obra, portanto, de amor regional, de amor da urbe que merece o maior reconhecimento de tôda a população de Castelo-Branco, da província da Beira Baixa, e do próprio Estado, representado pelo Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, organismo que fica assim possuindo mais uma base preciosa para as suas pacíficas batalhas. A inauguração dêste hotel não constitui pois, por tôdas estas razões, um simples melhoramento para o país mas também um admirável exemplo de espírito regional, de pundonor citadino.

Mas outra lição nos dá ainda o novo hotel de Castelo-Branco, que convém fixar e reter. Muitas cidades,muitas terras de província não se abalançam à construção de pequenos ou grandes hotéis porque receiam — e compreende-se, por vezes, o receio — não os poder manter. Mas o que muitos poderiam fazer, como êste novo hotel o ensina, através da inteligente montagem e decoração de Cunha Barros e dos seus colaboradores, era construí-los para servir os forasteiros, sem dúvida, mas servir também as próprias populações das terras, pelo menos as suas *élites*, dando-lhes, ao mesmo tempo, funções de salas de visitas e de recepção, clube até para aquelas que os não possuem (como acontece em certas pequenas cidades americanas) onde possam realizar os seus banquetes, os seus bailes, as suas festas próprias de arte. Não se calcula a importância social, civilizadora, que pode ter um hotel, bem orientado, em qualquer cidade ou em qualquer vila.

Se há cidades que fazem hotéis, há hotéis que fazem cidades... É que um hotel, bem cuidado nos seus pormenores, impecável na sua apresentação, rigoroso no seu nível sem deixar de ser acolhedor, é o palco natural da urbe, uma síntese dos seus valores sociais, a fotografia em grupo dos seus melhores. Basta uma visita rápida às instalações dêste hotel, basta olhar esta casa de jantar, para se ter a certeza que o novo hotel de Castelo-Branco servirá dignamente a causa do turismo mas será, ao mesmo tempo, a grande sala de visitas de Castelo-Branco. Sinceras felicitações, aos seus concessionários por êsse feliz critério, por essa lição prática de adaptação do turismo geral às necessidades locais.

Resta-me acentuar, saüdando o Sr. Governador Civil, que representa neste acto o Govêrno Central, que o novo hotel, velha aspiração de Castelo-Branco, só foi possível dentro do regime de ordem em que vivemos há 19 anos. É êsse regime ainda que nos permitirá, se soubermos conservar a nossa paz, atrair ao nosso país, dentro de pouco tempo, aquêles que desejarem descansar do grande terramoto que abalou o mundo e que tantas vítimas causou.

Mas, para isso é necessário que se ergam, urgentemente, por êsse Portugal fora, hotéis não tão grandes, mas simples e harmoniosos como êste, que sejam como legendas da nossa paìsagem, sombras de árvores amigas que acolham docemente os viajantes, aquêles que venham de longes terras procurando consolação para as suas tristezas, os convalescentes da grande doença da nossa época: a guerra...

Castelo-Branco acaba de gritar «presente», acaba de responder ao apêlo... Esperemos que outras cidades lhe sigam o exemplo, esperemos que Portugal se encha de lenços brancos, que se transforme, dentro de poucos meses, na grande residência, no grande solar da paz universal!...

O QUE HÁ PARA VER NA MADEIRA COM MAIOR INTERÊSSE

IGREJAS, MONUMENTOS, ETC.

NO FUNCHAL

Alfândega Velha (século XV, ampliada no século XVII).

Paço Episcopal (Repartição dos Negócios Religiosos, século XVI).

Convento de Santa Clara (século XV, em cuja igreja está o túmulo de Gonçalves Zarco).

Capela de S. Luiz (século XVII) junto ao Paço Episcopal. Restaurada pela Delegação de Turismo.

Capela de Santa Catarina (mandada construir pela Família Zarco, nos primórdios da povoação).

Igreja do Colégio (século XVII).

Igreja de S. Pedro (quadros de valor artístico, na sacristia).

Igreja de Santiago (quadros de interêsse do século XVII, na sacristia).

Fortaleza de S. Lourenço, actual Palácio do Govêrno Civil.

Estátua de João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha, obra do escultor Francisco Franco.

Sé Catedral (século XVII) notável o teto em obra de cedro e quadros de valor. No Tesouro, preciosa cruz de prata dourada.

Museu Municipal. Interessante colecção de peixes, alguns exemplares raríssimos. Gravuras antigas sôbre a Ilha da Madeira.

Capela da Nazaré, entre os Barreiros e S. Martinho (construção do século XVII com belos paineis de azulejo no interior). Esplêndida vista sôbre a cidade e a baía.

EXCURSÕES

Pico de Barcelos (a 6 qms. do Funchal, a 355 m. de altitude). Magnífico panorama.

Monte (a 6 qms., a 550 m. de altitude). Túmulo do imperador Carlos II, da Áustria, na igreja. Passeios a pé a: Choupana; ao Terreiro da Luta (onde há o monumento de Nossa Senhora da Paz); ao Pico das Rosas; à Camacha.

Terreiro da Luta (a 8,6 qms. e a 870 m. de altitude). Monumento a Nossa Senhora da Paz, cercado por um rosário feito das correntes e das âncoras de navios afundados na Grande Guerra e grandes pedras, que foram transportadas pelos carreiros do Monte.

Ribeiro Frio (a 20,3 qms. e a 800 m. de altitude).

Camacha (a 14 qms. e a 700 m. de altitude). Monumento do Sagrado Coração de Jesus, no Cabo Garajau, no litoral.

Câmara de Lobos (a 9 qms.) Vila de pescadores.

Cabo Girão (a 20 qms. e 530 m. de altitude). Miradouro com belos panoramas.

Santa Cruz (a 21 qms.), no litoral. Paços do Concelho e Igreja do século XVI.

Machico (a 28 qms.), no litoral. Igreja Matriz, estilo gótico-manuelino século XV. Famoso quadro «Adoração dos Reis Magos».

O Caniçal, pequena freguesia, onde há a Capela de Nossa Senhora da Piedade e, perto, as concreções calcáreas.

Santo da Serra (a 30 qms. e a 660 m. altitude). Miradouro sôbre o Machico. Passeio à Lagôa, pequena cratera de extinto vulcão. Campo de Golf.

Portela (a 37,9 qms. e a 600 m. de altitude). Deslumbrantes panoramas.

Ribeira Brava (a 31,5 qms.), no litoral. Igreja com quadros de particular interêsse.

Encumiada (44 qms. e a 1.000 m. de altitude). Ponto mais próximo para ascensão ao Pico Grande (1.607 m. de altitude).

S. Vicente (a 57 qms.), no litoral. Capela, muito curiosa, sôbre rochedo, à beira-mar.

Rabaçal (a 67 qms. e a 1.070 m. de altitude). Perto as «25 Fontes» brotando do vértice dum rochedo, abundantemente. A chamada «O Risco», cai de 100 m. de altura aproximadamente.

Prazeres (a 66,5 qms.) sobranceira ao Jardim do Mar. Ponto de partida para passeios a Rabaçal ou à Ponta do Pargo.

Curral das Freiras (630 m. de altitude). Aldeia típica, no fundo da cratera de extinto vulcão.

Santana (436 m. de altitude). Paisagem muito variada. O melhor ponto de partida para excursão ao Pico Ruivo, o mais elevado da Ilha, a 1.861 m.

Porto Santo (Ilha a NO.). Em vapor 6 horas de viagem. Grande praia de banhos, de fina areia, abrigada por colinas. Deliciosas frutas. Junto à Igreja Matriz, existe uma casa, onde, segundo é tradição, viveu Cristóvão Colombo, descobridor da América, que foi casado com uma filha de Bartolomeu Perestrelo, primeiro donatário da Ilha.

DESPORTOS

Ténis	Caça
Golf	Pesca
Futebol	Natação
Equitação	Náutica
Alpinismo	Ciclismo

TRANSPORTES

Auto-carros (transportes colectivos)

Automóveis de turismo

Carros de bois (género trenó)

Carros do Monte (género glissagem, só para descida do Terreiro da Luta, no Funchal).

Rêde (género machila, para transporte regional nas montanhas).

Vapores costeiros (para os portos do norte e sul da Ilha e para a de Pôrto Santo).

O QUE HÁ PARA VER NA MADEIRA COM MAIOR INTERÊSSE

BIBLIOTECAS

Municipal — Calçada de Santa Clara.

Utile Dulci — Rua do Bispo.

English Rooms — Rua da Alfândega.

JARDINS — MIRADOUROS

Largo das Cruzes (próximo do Convento de Santa Clara).

Jardim de São Francisco (ao fim da Avenida Arriaga).

Largo do Socorro (à beira-mar).

Redondo António Nobre (junto aos hoteis de turismo).

Bela Vista (à estrada do Conde de Carvalhal).

Pináculo (um pouco além da Montanha).

Marmeleiros (na estrada do mesmo nome).

INSTALAÇÕES HOTELEIRAS

Restaurante Esplanada (no Terreiro da Luta).

Ribeiro Frio (no Ribeiro Frio).

Hotel da Camacha (na Camacha).

Pensão Santa Cruz (em Santa Cruz).

Casa de Chá Paraíso e Pensão Machico (no Machico).

Hotel Golf, Poisada da Serra, Casa de Chá do Santo da Serra (em Santo da Serra).

Casa de Chá, da Ribeira Brava (na Ribeira Brava).

Pensão Figueira (em Santana).

Pensão Pôrto Santo (em Pôrto Santo).

Hotel Atlantic

Hotel Bella Vista
» Bom Jesus
» Belmonte (no Monte)
» Golden Gate
» Miramar
» Monte Palace (no Monte)
» Nero Avenue
» New English
» Quinta Esperança
» Reid's
» Savoy
» Lido

Pensão Vitória
» Kleim
» Santos
» Phenix
» Vista Alegre
» Universal
» Voga

POUSADAS DA DELEGAÇÃO DE TURISMO

Vinháticos, próximo da Encumiada de S. Vicente
Pousada Abrigo, no Pico Ruivo

DIVERSÕES

Casino da Madeira (jogos de azar, permitidos por Lei) na Quinta da Vigia, Rua da Imperatriz D. Amélia. Belos exemplares de árvores exóticas, alguns bastante raros. Nesta Quinta viveu a Rainha Adelaide, viuva do Rei Guilherme IV da Inglaterra, em 1848. — A Imperatriz Isabel da Áustria, casada com o Imperador Francisco José e assassinada, mais tarde, em Genebra, também ali viveu em 1860.

British Country Club, Rua do Dr. Pita, próximo dos Hoteis de Turismo.

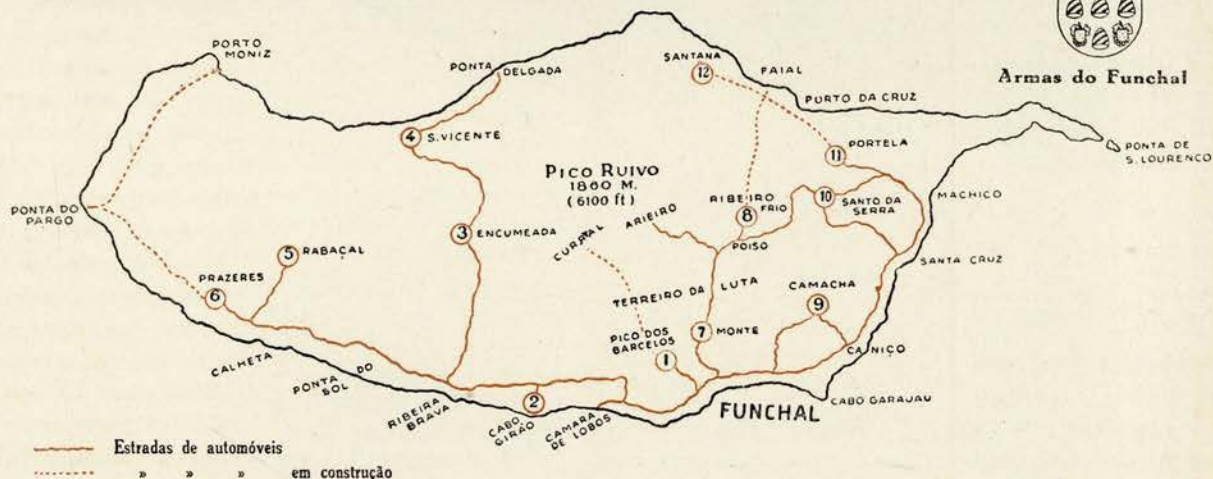
Teatro Municipal e Cinema, Rua Capelo.

Theo's Dancing Bar, Avenida Gonçalves Zarco.

Piscina Lido, no Gorgulho.

Madeira Fishing Tunny Club, Vale Formoso, 1.

Descoberta em 1419.
Posição: Oceano Atlântico a 33° 7' 50" latitude Norte e 17° 15' 47" de longitude Oeste do meridiano de Greenwich.
Comprimento: 57 Km. — Largura: 22 Km. — Superfície: 741 Km²
População: 220.000.

Armas do Funchal

AS POUSADAS PORTUGUESAS

ELEMENTOS DE ORIENTAÇÃO DA PEQUENA INDÚSTRIA HOTELEIRA

O «Diário de Notícias», no dia 30 de Maio, publicou o artigo que a seguir transcrevemos:

As Pousadas Regionais foram construídas em obediência ao programa do Duplo Centenário. E fêz, ainda há pouco — 9 de Maio — quatro anos que a fôlha oficial publicou o decreto estabelecendo o regime da sua exploração e traçando-lhe os seus principais objectivos. O então Ministro das Obras Públicas e Comunicações, eng. Duarte Pacheco, homem de vistas e de obras largas, quis — e êsse foi um dos seus intentos, bem definidos no decreto referido — que elas fôssem modelos de muitas outras mais, a espalhar por todo o País. Lá está bem expresso no art. 2.° dêsse documento que, buscando-se com as Pousadas o fito da boa propaganda turística, elas «constituam elementos de orientação da pequena indústria hoteleira».

O Govêrno, quer pela repartição a cargo de quem esteve a edificação das Pousadas, quer pelo organismo a quem foram entregues, para as mobilar e decorar convenientemente e superintender nos serviços da sua exploração — o antigo Secretariado da Propaganda Nacional, hoje Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo — cumpriu os seus deveres. Fêz pelo melhor — é muito justo reconhecê-lo e afirmá-lo — quanto lhe cabia fazer.

Das sete Pousadas, sonhadas por Duarte Pacheco, tôdas estão construídas, e seis destas já funcionando. Tôdas são — ninguém que as tenha visto e visitado o poderá negar — edifícios de lindas linhas arquitectónicas, harmonizando-se, a primor, com as paìsagens que as circundam. E tôdas estão, como seria natural, sem luxos escusados, instaladas e decoradas com requintes de rara beleza e tôdas, igualmente, possuindo aquelas indispensáveis comodidades que devem ter, hoje em dia, quantos estabelecimentos se destinem a receber, embora de passagem, muitos ou poucos viajantes. Quere dizer: as entidades oficiais, pelo que a Pousadas Regionais respeita, levaram a cabo, inteira e brilhantemente, as suas missões.

No entanto — e nisso culpas já não cabem às mesmas ou outras entidades — um dos seus fitos principais, e talvez o mais importante (êsse de «constituírem elementos de orientação») continua a não ser atingido e, parece até, não compreendido.

Concordemos que à pequena indústria hoteleira portuguesa não sorriria, inteiramente, a construção e a exploração de estabelecimentos semelhantes. A pequena, como a grande indústria hoteleira, como tôda e qualquer indústria, afinal, busca, necessária e legìtimamente, lucros aos capitais e esforços nela investidos. E hotéis ou pensões dos tipos e dimensões das Pousadas Regionais, talvez não trouxessem — não trariam, certamente — rendas apreciáveis aos dinheiros de particulares, gastos em sua edificação e manutenção. Mas para todos os hospedeiros portugueses, quer pequenos, quer grandes (e muitos dêles bem podiam ser visados também no decreto citado), as Pousadas Regionais foram excelentes lições. No que elas, em realidade, são como óptimos elementos de informação e orientação: *exemplos* de bom gôsto, no arranjo e embelezamento de interiores; *modelos* de simpatia, no seu ambiente quási familiar, tão grato sempre a todos os hóspedes, sem excepção; *padrões*, numa palavra, daquela hospedagem, à base da limpeza, a mais escrupulosa, e do confôrto, o mais acolhedor, hospedagem que é, sem discussão, a *única* a utilizar para fins turísticos.

Se a lição das Pousadas, nesse campo da hotelaria menor ou maior do País, não tem sido seguida e aproveitada com a extensão devida, caso é êsse a cuidar e a comentar noutra ocasião. E não deixaremos, um dia, de o trazer à baila. E de focar tudo o que de rotinas, de falsas convicções ou incompreensões turísticas lhe marcam recusa ou resistência a seu benefícios.

Porque, por hoje, e em relação à lição (continuamos a chamar-lhe assim), das Pousadas Regionais, para outro sector volvemos vista e reparos. E êsse outro sector é aquêle que formam as comissões municipais de turismo e, em todos os concelhos onde tais comissões não existem, os próprios municípios.

Não sugeriu o Govêrno — sabemo-lo — no decreto

organizador dessas Pousadas Regionais que os governos locais lhe seguissem pisadas. Desnecessário era, pois de exemplo dado, e verificado como bom, viria, certa e lògicamente, o desejo de o imitar. Demais a mais, não existindo, como não existe, segundo cremos, cidade ou vila alguma de Portugal sem projectos de desenvolvimento e sem o convencimento de que possui — e tôdas possuem, mais ou menos — atracções turísticas a aproveitar. Ora, sendo assim, o problema da hospedagem seria de estar à cabeça dêsses planos, e a sua resolução buscada e obtida, à base dos ensinamentos dos Pousadas.

É que não há povoação portuguesa alguma (e muito pobre seria se a houvesse) onde município ou comissão municipal de turismo não tenha ou não possa vir a ter casa maneirinha aplicável a uma pequena hospedaria que, embora modesta, fôsse modelar. Tendo-a, logo teriam, se o requeressem aos Serviços Turísticos do S. N. I. orientação acertada, riscos de mobiliário e decorações, apoios de tôda a espécie e de muito valor. E seriam três, quatro quartos graciosos e luminosos, uma cozinha escarolada; uma sala de jantar e uma sala de estar afáveis — enfim, quanto é preciso, para bem acolher viajantes. Melhor do que mirantes, ou esplanadas, ou praças ajardinadas, onde ninguém (que saibamos) dorme ou come bem.

E para o resto (pois não iriam senhores vogais dessas comissões, necessàriamente, fazer de hospedeiros) também não havia engulhos de maior. Bastaria entregar, à maneira das Pousadas, a exploração dessas casas a quem de competência. E, depois, fiscalizar. Em cento e uma terras portuguesas, um casal regularmente habilitado — ela, boa cozinheira, êle capaz de ser, ou sendo já, uma serviçal atencioso — resolveria o caso, à maravilha. Morada de graça. Rendimentos inteirinhos (porque não?) para seu bôlso. Obrigações vulgares que pessoas limpas e desembaraçadas cumprem, como se costuma dizer, com uma perna às costas. Refeições mesmo se de improviso fôssem, fáceis, e sendo, como deveriam ser, bem preparadas, a maior e melhor recomendação da casa e da terra. Enfim, casas-padrões, de quantas houvessem ou abrissem particulares, para explorações idênticas.

Chamadas também Pousadas — se tivessem o direito, que o mesmo decreto citado estabelece, para essa designação. E quando não, os lindos nomes portugueses de estalagens ou de albergarias, ou fôsse o que fôsse de sugestivo e despretensioso. Muitas. Por cidades, por vilas, por aldeias, por tôda a parte. O exemplo das Pousadas Regionais seguindo-se, repetindo-se, multiplicando-se.

E o Turismo, em Portugal, daria um dos mais seguros, efectivos e proveitosos passos.

TURISMO NOS AÇORES

O Dr. Armando Narciso proferiu, em Março, uma conferência na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia de Lisboa, àcêrca das «Possibilidades Geográficas do Turismo no Arquipélago dos Açores». Depois de apresentar a definição de turismo — que não é apenas o aproveitamento dos encantos da paìsagem, mas também dos climas, águas medicinais, costumes e tradições locais — demonstrou que está condicionado pela geografia e pelas facilidades de acesso.

Analisou as comunicações que servem os Açores, afirmando ser necessário aproveitar a aviação, se se quiser valorizar o interêsse turístico das ilhas açorianas. Fêz, seguidamente a descrição destas, lembrando a sua origem vulcânica e os soberbos panoramas que oferecem ao viajante, com seus montes terminados em velhas crateras, alindadas por belos lagos; enseadas amplas; alterosas falésias, tudo isto coberto de vegetação exuberante. Do mar, cada ilha é uma verde montanha, saindo das águas. À beira-mar estende-se a fiada das aldeias, no fundo das angras e enseadas aninham-se as cidades e vilas, pelas encostas sobem as terras de cultura, dos montes descem as faixas de arvoredo. De Santa Maria até à Terceira, só uma ilha, de cada vez, prende a atenção do viajante: primeiro é Santa Maria, de pequeno vulto; depois, principia a crescer S. Miguel, de mais avantajadas dimensões; deixando essa ilha, principia a descortinar-se a Terceira, mais pequena e mais baixa. Seguindo viagem, aparecem, de súbito, quatro ilhas no painel da paìsagem: a Terceira e a Graciosa ao norte; S. Jorge ao sul e, por sôbre o dorso desta, a montanha da Ilha do Pico, alterosa e coroada de nuvens. Contornando S. Jorge, pela ponta de Rosais, avista-se a pequena Ilha do Faial e a grande Ilha do Pico, servindo de fundo ao quadro cenográfico. As Flores e o Côrvo formam um grupo binário, isolado e distante, muito afastado, para o ocidente, não sendo vistas das outras ilhas.

Da geologia açoriana — disse o orador — não deriva só a verdade da paìsagem, deriva também a abundância de águas minerais e termais. Das nove ilhas, só em duas se não encontraram, até hoje, águas minerais. De tôdas, a mais rica destas águas é a de S. Miguel, com os seus grupos termais das Furnas, Caldeiras da Ribeira Grande, Ferreiria e Mosteiros e ainda outras nascentes dispersas.

Também são dignas de nota as águas termais do Carapacho, na Ilha Graciosa, e principiam a ter nome as da Silveira, na Ilha do Pico. As águas minerais do Faial são menos conhecidas e ainda menos as da Terceira e S. Jorge. As suas nascentes, porém, não são só numerosas como preciosas. As águas minerais de S. Miguel e Graciosa podem ser comparadas a algumas das mais acreditadas do Mundo. O clima açoriano é um clima marítimo como não podia deixar de ser em ilhas situadas a meio do Atlântico Norte. Além de temperado, pela sua situação oceânica e pela sua latitude, êste clima é ainda mais temperado, do que seria de esperar por esta situação e por esta latitude, porque é favorecido pela corrente do Golfo. O inverno nos Açores é de grande amenidade e o verão é fresco. O que prejudica um pouco o clima açoriano é a nebulosidade e a instabilidade do tempo. Mas estas características também são as do litoral atlântico da Europa, o que não impede que nesse litoral se encontrem estâncias de turismo como San Sebastian, St. Jean de Luz, Biarritz, St. Royan, Paris Plage, etc., e ainda a célebre estância terapêutica que é Berck.

O Dr. Armando Narciso concluíu a sua interessante conferência, afirmando que a organização do turismo depende da técnica de urbanização e higiene, de técnica termal e climática, e, sobretudo, de iniciativa criteriosa.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Excursão a Monsanto

Decorreu animadamente a excursão à «Aldeia mais portuguesa de Portugal», promovida e organizada pelas Comissões de Turismo da Covilhã e de Castelo-Branco e pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, que se efectuou no dia 28 de Maio. Os excursionistas foram entusiàsticamente recebidos pelo hospitaleiro e alegre povo de Monsanto, que os acompanhou até ao Castelo, cantando as mais belas canções do riquíssimo folclore local. Aí teve lugar um excelente almôço oferecido às entidades oficiais e jornalistas convidados, no fim do qual se proferiram alguns discursos de exaltação regionalista

Dêste aprazível passeio, que em todos deixou gravadas as mais gratas impressões, deve destacar-se, como exemplo a ser seguido por tôdas as províncias do País, o espírito de colaboração que anima as autarquias das Beiras fronteiriças, no fecundo sentido de coordenar os esforços e levar a bom têrmo, nos vários campos da actividade provincial, os interêsses comuns das regiões.

A limpeza das ruas

O «Diário da Covilhã» publicou, no mês passado, um eco dedicado a êste sector da actividade municipal, que tanto interessa à saúde pública como ao incremento do turismo. Por isso o transcrevemos, chamando para êle as atenções dos municípios do País, aos quais são de aconselhar as medidas rigorosas que o da Cavilhã adoptou:

«A limpeza das ruas continua sempre na ordem do dia. Nota-se bastante zêlo e actividade do pessoal. Continua a sentir-se o rotineiro desleixo da parte da população, que despeja algumas vezes, sem resguardo, para a via pública, o lixo caseiro: é mal feito.

E nota-se, agora, um recrudescimento na fiscalização pelo pessoal camarário a isso adstrito. Levantam-se autos. Aplicam-se multas. E na maior parte das vezes protesta-se, sem motivo, alegando as mais variadas razões para o fazer e evitar o pagamento da multa.

Haja, portanto, mais cuidado!

A fiscalização aperta! As multas aí vêm!

O «Notícias da Covilhã» avisa, e quem nos avisa nosso amigo é.

Cumpram todos a sua obrigação, como nós tentamos cumprir a nossa — e tudo caminhará melhor».

Hotel de Turismo de Castelo-Branco

Um edifício de linhas modernas, amplo, arejado, com luz a jorros e provido de tôdas as comodidades que a vida civilizada do nosso tempo não dispensa nos centros urbanísticos onde o turismo progride — eis o que é, em síntese, o Hotel de Castelo-Branco, inaugurado oficialmente em Maio, graças à boa vontade de onze bairristas e ao bom gôsto e bom senso que presidiram aos arranjos arquitectónicos e decorativos das suas instalações.

O Hotel tem aquecimento central, um «bar» acolhedor, quartos com casas de banho privativas e dois salões magníficos, para festas de recepção, banquetes e bailes.

Esta foi uma das finalidades do arrojado empreendimento que o Dr. Jaime Lopes Dias relevou, no discurso proferido no acto inaugural, dizendo que Castelo-Branco fica, finalmente, de posse de um edifício condigno para receber e alojar as entidades oficiais que visitem a capital do distrito, ao mesmo tempo que nêle poderão realizar-se — nas suas luxuosas e vastas salas — as festas que os organismos e colectividades locais venham a promover.

Parte da arquitectura interior e a composição ornamental foram dirigidas e realizadas pelo pintor Cunha Barros, sócio-gerente da emprêsa.

Museu de Arte Contemporânea

Em cumprimento de promessas anunciadas quando da reabertura dêste Museu, a sua Direcção acaba de substituir as obras expostas na 6.ª sala, com uma nova exposição temporária de pinturas e esculturas. Nela se vêem dois flagrantes retratos de senhoras, legados ao Museu, sendo um pintado por Malhôa e outro por António Ramalho.

Também na Sala Columbano se exibem em lugar de notável destaque, alguns retratos pintados por êste prodigioso Mestre, que há meio século estavam ocultos à admiração do público. Um dêles é o primeiro que Columbano pintou do poeta *Bulhão Pato*, que ali, em frente do que o Museu já possuía e expunha, revela aos estudiosos e amadores uma das suas mais características fases de intérprete da imagem humana e intelectual dos nossos escritores. Outro retrato é o de *Oliveira Martins*, cujo centenário se está festejando e que graças à colaboração das Missões católicas de Cucujães, num depósito provisório para êste fim, permitiram ao público admirar tão expressiva obra de arte, que só em sala tão particular como esta do Museu, onde as suas iguais se agruparam para reünião de harmonia sem par, merecia ser mostrado.

A seu lado, já que as de Eça, Junqueiro e Ramalho, não puderam ser expostas, como era projecto da Direcção do Museu, patenteia-se agora e em exposição permanente, o retrato de *Antero de Quental*, obra-prima de Columbano, oferecida generosamente à galeria de Lisboa, por D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães e por suas filhas.

Este último retrato completa, por assim dizer, a Sala Columbano, onde em breve serão expostas as obras legadas ao Museu, pela Viúva do grande Mestre, entre as quais um impressionante *Auto-retrato*, que a seu lado tem o espaço vazio para o de sua mulher que não chegou a esboçar sequer, e os retratos do *Actor Vale* e do escritor *Teixeira de Queiroz*.

¿Não será oportuna e urgente a construção de um Museu de Arte Contemporânea, definitivo e em sítio bem central da cidade, para se exibirem convenientemente tôdas as obras arrecadadas e as de Sousa Lopes, agora doadas ao Estado?

Edições do S. N. I.

O Secretariado Nacional da Informação editou, nos últimos meses, entre várias outras obras, os seguintes volumes de propaganda turística: «Pôrto» — *monografia emotiva* —, de Cruz Cerqueira, com desenhos de Manuela; «Monografia de Miranda-do-Douro», de A. Fonseca, e «Linhares, terra beiroa» — esbôço monográfico — de José Franco, ilustrados pela mesma artista.

Também foram reünidos num agradável volume os capítulos que publicámos, neste *Boletim*, do «Roteiro do Vinho Português», de António Batalha Reis, com ilustrações de Bernardo Marques — satisfazendo assim o desejo de numerosos apreciadores dêsse curioso e utilíssimo trabalho, sem dúvida único no seu género.

Onde estão as chaves?...

O programa radiofónico de divulgação turística «Conheça a sua Terra» fêz eco de uma carta em que uma ouvinte se lamenta de ter sido vítima de certa insu-

ficiência da organização turística regional, contando o seguinte:

«Apreciadora entusiasta da arquitectura religiosa românica e gótica, dei-me ao prazer de ir visitar algumas das nossas velhas igrejas que tão criteriosamente têem sido reparadas pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais. Mas... os senhores locutores dêsse programa, que não se cansam de aconselhar os ouvintes a conhecerem *o melhor que puderem* a nossa terra, esquecem-se de preveni-los de que a maior parte dêsses monumentos regionais estão cuidadosamente aferrolhados e que, para se encontrar as chaves respectivas, se perde uma manhã e, por vezes, tôdas as diligências resultam infrutíferas. Assim me aconteceu em Évora onde, durante três dias, procurei visitar a ermida de S. Braz, conseguindo apenas saber que a chave se encontrava em poder de um particular cuja criada informou que, estando o patrão ausente, não se podia visitar o templo. Em Santarém, onde também me levou a curiosidade de admirar a velha igreja do Convento de Santa Clara, recentemente restaurada, apesar de todos os esforços feitos nesse sentido (e que não foram poucos, posso garantir-lhes...) foi impossível saber do paradeiro da chave respectiva. Quási o mesmo ia sucedendo com a que abre a porta do Museu instalado em S. João do Alporão, se não fôsse a amabilidade e boa vontade de um modesto empregado da Câmara Municipal, que se prontificou a descobrí-la e a acompanhar-me. Na Batalha, também não consegui visitar a respectiva Matriz, porque perdi imenso tempo a investigar onde a chave se encontrava e não quis depois incomodar, a hora pouco propícia para quem havia gasto tôda a manhã no cumprimento dos seus deveres, o Reverendo Prior. E... também em Leiria quási me ia sucedendo o mesmo, com o velho templo de S. Pedro, pois só por feliz casualidade pude descobrir o paradeiro da chave. Ora, senhores locutores, parece-me que isto não está certo!... e também me parece que exige imediatas providências...».

Rectificações

O autor do excelente livro ilustrado «Jôgo de Boston», a que fizemos larga referência nesta revista, escreve-nos a pedir que rectifiquemos o nome que no respectivo artigo, por êrro tipográfico, lhe foi atribuido — Henrique da Silva — visto chamar-se José Henriques da Silva.

Também recebemos uma carta da emprêsa comercial «Arco Portuguesa, Lda.», que é nosso dever publicar na íntegra, lamentando havermos dado crédito à informação nela desmentida e que, por escrito, nos foi enviada.

Ex.^mo^ Sr.

Pela Sr.ª D. Margarida Pinheiro fomos convidados a participar na Exposição de Arte Decorativa organizada por esta Senhora no Estúdio do Secretariado Nacional de Informação, obedecendo estrictamente ao princípio de não mencionar os nomes dos criadores dos objectos individuais, como foi desejado pela Direcção do Secretariado.

Ficámos bastante admirados ao ver, no número 23 da Revista PANORAMA, fotografias de algumas das nossas criações exclusivas, com atribuïção de autoria ao Sr. Hugo Manuel. Assim, uma fotografia mostra um móvel-bar, uma estante, cadeira, cêsto para papéis e candieiro, e outra representa uma pequena mesa com 3 banquinhos «que Hugo Manuel desenhou».

Êste senhor nada em comum tem com a criação dêsses móveis e apenas os viu quando estavam a ser acabados. Não queremos profundar se a autoria dêstes objectos foi atribuída ao Sr. Hugo Manuel por engano, ou se foi êle próprio que se permitiu atribuir esta autoria, mas achamos justo que, se em contradição ao princípio mencionado acima, foi indicado o nome dêle, se rectifique na vossa próxima edição, acentuando, de acôrdo com a verdade, que êstes móveis são criações da nossa marca RÚSTICO.

Sem mais, de momento, somos com muita estima e consideração, de V. Ex.ª, etc., pela Arco Portuguesa, Lda.

«Panorama» regista

★ A notícia de que vai ser brevemente construído um *aeropôrto municipal na Covilhã* — no local da Grila, a pouco mais de três quilómetros da cidade e perto do caminho de ferro.

★ O estado de progressivo adiantamento em que se encontram os trabalhos da monumental *barragem de Idanha-a-Nova* — obra que honra a Engenharia portuguesa e de que muito irá beneficiar tôda a região.

★ A próxima construção, em Coimbra, de uma grande *piscina* e de uma *sala de espectáculos* para 2.000 pessoas.

★ A beleza e emoção de que se revestiu a *Procissão da Senhora de Alcamé*, na Lezíria de Vila-Franca-de-Xira, na noite de 23 de Junho, cuja guarda de honra foi feita por cêrca de cem campinos, a cavalo, empunhando archotes.

★ A notícia de que a *Praia de Albufeira* vai ser valorizada, muito em breve, com uma boa *Pensão* e um *Pavilhão de Turismo*.

★ Duas recentes e admiráveis *exposições de Arte Moderna* (pintura e desenho), realizadas: a de Estrêla Faria, no estúdio do S. N. I., e a de Eduardo Anahori — chegado, há pouco, do Brasil — na galeria «Stop».

ÉVORA

(Continuação)

Além de igrejas e conventos, muitos não citados aqui, devemos acrescentar ainda, com interêsse histórico e turístico, o Arco de D. Izabel, obra dos romanos, o aqueduto de Sertório, erigido por mandato de D. João III, os palácios Cadaval (famosa «tôrre de cinco quinas»), de D. Manuel (Arquitectos Arrudas) e do Conde de Bastos, os Museus Regional e de Arqueologia, respectivamente com quadros de Vieira Lusitano, de Zurbaran, e esculturas de Teixeira Lopes e Simões de Almeida, e uma Biblioteca com 6.000 volumes, a Casa Soure, a de D. João de Aguiar, a de Garcia de Rezende, cujo balcão inspirou um notável soneto de Florbela Espanca, a dos Condes de Vimioso, o artístico e riquíssimo tesouro da Sé e, por último, as muralhas ditas fernandinas.

Recolhamos ainda a fonte monumental quinhentista da Praça de Geraldo, de aspecto medievo, as suas pitorescas arcarias, onde soaram os gritos patrióticos dos homens das «alterações de 637», e a fonte das Portas de Moura, rival da antecedente, pelo vulgo consagrada «como a mais formosa e pitoresca das fontes citadinas».

Todavia, não é sòmente a feição monumental que Évora nos oferece, mas sim também a sua expressão pitoresca e inconfundível, de uma poesia comovedora, ora alegre, ora soturna e triste, que se evola dos seus tipos regionais e humanos, das suas ruas e das suas casas.

Évora, «Sempre-Bela», é egoísta das suas atitudes e pouco comunicativa para quem não pretende desvendar os seus segredos de moura encantada, observar os seus pormenores mínimos, escondidos nos seus pátios e nos seus recantos. É mister percorrer as suas ruas-frades, sinuosas e estreitas, ler os seus nomes arcaicos, sentarmo-nos nos poiais das suas portas, tocar nas ferragens dos seus portais antigos.

O deslumbramento prossegue, quando nos debruçamos sôbre os seus quintais, passamos sob os seus arcos, caminhamos pelas ruelas desalinhadas, onde o crepúsculo põe sombras nos cunhais, observamos a religiosidade das suas procissões, as noites de verbenas ou o seu sol de apoteose.

Subamos as suas escadas gastas e enegrecidas, contemplemos as janelas floridas, o trajo dos campesinos, os rostos tisnados e serenos dos seus nativos, e Évora ficará para nós uma cidade inesquecível, garbosa e de linhas imprevistas, uma verdadeira cidade de contrastes.

Ao partirmos, levamos a visão saüdosista dessas casas que não pretendem apunhalar o céu, dos seus telhados baixos, de artísticas chaminés, confundidos nos poentes coalhados dêsse casario muito branco projectado no azul do firmamento.

Recordamos os seus motivos etnográficos, os restos das suas indústrias locais, de entre as quais destacamos a carpintaria de móveis, tão original e pitoresca, tudo, porém, dominado pelos monumentos que a todo o passo nos surgem, mais pròpriamente refúgio de santos e heróis, e breve reconhecemos que se povos diferentes nos seus credos e civilizações por Évora passaram e intacta foi ficando, resistindo ao tempo e aos séculos, foi sòmente para que continuasse legando às gerações posteriores, servindo-lhes de exemplo e estímulo, o seu extraordinário e incomparável valor.

Tudo nela é digno de ser visitado e atentamente observado porque os seus múltiplos motivos se enquadram numa feição caracterìsticamente regional, que nos enternece e orgulha, porque são da nossa terra, falam à nossa alma, pertencem-nos, são, como escreveu Emídio Amaro, «milagre divinal de mãos patrícias».

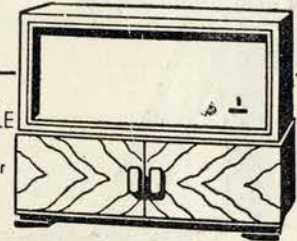
ARTUR PASTOR

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner — Concert

AMERICAN BAR

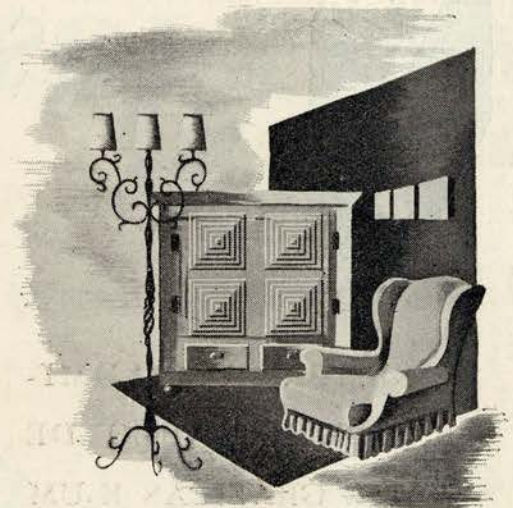
RUA 1.° DE DEZEMBRO, 123 / TEEF. 20231

SUISSO ATLÂNTICO

Hermida *Martins, Lda*

HOTEL

UM HOTEL SOSSEGADO E CONFORTÁVEL COM PREÇOS MÓDICOS / DIRIGIDO PELOS SEUS PROPRIETÁRIOS

RUA DA GLÓRIA, 19 / LISBOA
TEL. P. B. X. 2 1925 / 2 7260 / 2 4216

MÓVEIS · ESTOFOS · DECORAÇÕES

COMPANHIA
ALCOBIA

LISBOA / RUA IVENS, 14 / TEL. 25441
ESQUINA DA RUA CAPELO

DELEGAÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO, NO PÔRTO

(Continuação)

Inaugurou-se a 1.ª Exposição dos artistas modernos do Norte, que continuará anualmente a acção estimuladora num meio artístico que a distância fazia ignorar do grande público.

Os cinemas ambulantes do S. N. I. percorreram os bairros pobres da cidade, exibindo numerosos filmes educativos.

No Palácio das Carrancas a «Festa de Arte» foi, ao mesmo tempo, reünião de alto sentido artístico e social e de projecção mundana.

Uma Exposição de Montras serviu de pretexto para que o comércio da grande cidade colaborasse com apurado gôsto e demonstrasse, com a riqueza dos seus produtos de alta qualidade, como sabe ainda valorizá-los.

O grande festival popular no Palácio de Cristal, onde cada festa é sempre um deslumbramento, constituíu uma parada de *estrêlas,* que naquela noite brilharam com mais intenso fulgor.

Finalmente, as Bibliotecas populares ambulantes — última iniciativa do S. N. I. de tão profundo sentido social — começaram a partir dos arredores do Pôrto, (a primeira peregrinação), indo até às mais remotas aldeias difundir, na leitura aprazível de livros simples e úteis, a necessária cultura que todos poderão obter depois de um dia de trabalho.

E assim ficou instalada a primeira delegação do S. N. I. que o Pôrto desejava e lhe era devida.

Da sua utilidade e projecção no progresso da cidade e de tôda a região nortenha são agora responsáveis os habitantes, cujo espírito empreendedor e bairrista — no melhor sentido da palavra — são garantia de longa e próspera vida.

O S. N. I. foi, mais uma vez, até onde podia ir.

Arquivaremos nesta revista, atenta a tôdas as grandes e pequenas iniciativas que possam interessar o turismo nacional, algumas palavras de António Ferro, proferidas na cerimónia inaugural, pelo que significam como clara afirmação de boa vontade e dedicação ao Pôrto.

«Não é ainda esta a delegação que idealizámos para o Pôrto, pois reconhecemos que a sua modéstia não corresponde ao horizonte espiritual, à vitalidade crescente desta cidade criadora. Algumas salas claras de trabalho, êste gabinete para vos receber, uma despretensiosa Agência de Turismo, um terraço sôbre os velhos telhados do Pôrto — e eis tudo, por agora. Mas não foi ao acaso — perdoem-nos a habilidade — que nos instalámos no vosso mais alto e audacioso edifício, porque não só conseguimos assim participar da sua grandeza, como nos integrámos, hoje de comêço, no progresso da nossa terra, na sua ânsia de altura...»

«Desde o primeiro momento, pois, que sem grandes aparatos nem luxos inúteis, acertamos o passo convosco, marchamos com o Pôrto.»

T. A.

(Continuação)

O martelo com que pregaram o filho de Deus, as lanças que lhe penetraram na carne, a esponja de fel que lhe levaram aos lábios quando gemia com sêde e, finalmente, os dados jogados pelos soldados de Pôncio Pilatos para decidir quem lhe montaria guarda na agonia lá figuram também.

Uma graciosa pia de água benta, colocada na entrada, fêz-nos invocar os frades passando um a um na sua frente e, mergulhando os dedos no líquido, persignarem-se gravemente como que a impor-se inteireza nas decisões a tomar.

Saímos dali para a igreja, atravessando uma vasta cêrca onde se situavam outrora os claustros. O templo, amplo, possui uma série de «panneaux» interessantíssimos de azulejos do século XVII representando cenas da vida de São Francisco de Assis. Também no Cruzeiro se alinham azulejos de valia.

Do interior do edifício, de uma só nave, só resta o altar-mor, de colunas salomónicas, todo em pedra da Arrábida com incrustações de mármore de côres diversas, o piso do púlpito e as ruínas dos confessionários. O túmulo de D. Pedro de Noronha, em campa rasa a meio do templo, assinala-se pelo lindo brazão de família gravado na pedra.

Rodeamos a igreja e encontramo-nos junto a um vasto lago, que dizem ter sido construído como castigo por um frade que aliava à desvantagem de ser indisciplinado a vantagem de possuir talento de empreiteiro. Era ali que os recoletos se banhavam e ainda se vêem os sinais das escavações feitas no muro que beira o lago e lhes serviam de cabines de despir e vestir. A tôda a volta, hortênsias, de um colorido enebriante, emprestam ao ambiente uma nota de beleza inolvidável.

Mas novos motivos de encantamento nos aguardavam. Por uma alameda que circunda a mata, tôda atapetada pelas fôlhas que caíam das árvores orvalhadas por recente chuvada, dirigimo-nos até ao «Campanário» — clareira polvilhada de cedros onde os frades tinham pensado primeiramente construir o convento — que se debruça sôbre ricas terras de semeadura e da qual se disfruta paìsagem só comparável à da Cruz Alta.

É Maxial, Vilar, Adão-Lôbo, Pero-Moniz, Vila-Nova, Sanguinhal, Cadaval, Bombarral, e, ao longe, Peniche e as Berlengas. Por fim, a trinta quilómetros de distância, o Atlântico, azul ferrete e bruma, e espreguiçar-se batido pelo vento forte.

Subimos mais e vamos ao mirante, construção de pedra recente plantada no ponto mais elevado da quinta, onde aquêle quadro, digno do pincel de um Pousão, se alarga ainda, desvendando-nos outras perspectivas não menos impressionantes. Aqui, deixaram alguns dos visitantes os seus nomes gravados e as datas em que por ali passaram e um dêles, mais filósofo, quis consagrar num pensamento simples a forte emoção recebida e escreveu: «Os momentos felizes são as pausas da vida em que julgamos sonhar».

Voltamos para o convento, deparando ainda pelo caminho, espalhadas na mata, com edículas, capelinhas e celas de pedra e cal que serviam aos frades de recinto de concentração espiritual. A água da quinta é deliciosa e de uma das suas nascentes germina até um rio — o Real — que, engrossando pouco a pouco, vale abaixo, vai desaguar em Peniche.

O proprietário da quinta, Sr. Marcellino Nunes Corrêa, que amàvelmente nos acompanha, lembra-nos agora ter vivido numas casas anexas ao Mosteiro e também na própria Vila-Verde-dos-Francos a mui celebrada Natércia, a «alma minha gentil» de Camões, espôsa querida do filho do fundador do Convento, também D. Pedro de Noronha de nome, e neta de D. Vasco da Gama, o Almirante das Índias.

Se assim foi, aquela vila, que possuía já fama guerreira, pois deve a sua denominação ao facto de ter sido povoada pelos

francos de D. Alardo, um dos chefes da armada de Cruzados que ajudaram D. Afonso Henriques a tomar Lisboa, teria também fama poética por haver abrigado nas suas muralhas a doce enamorada do maior épico de língua portuguesa.

Repousa D. Catarina de Ataíde, ao que afirmam certos historiadores, no próprio convento, embora em local ignorado.

E já na soleira do portão da quinta, prontos para a abalada de regresso até Lisboa, vieram-nos à mente, ao lançarmos um último olhar saüdoso para aquêle mimo dêste nosso ninho paterno, os versos de Tagore no «Gitanjali».

«Aqui a madrugada chega com a cesta de oiro na mão direita, trazendo a grinalda de beleza para silenciosamente coroar a terra.

«E aqui sôbre os solitários campos que os rebanhos deixaram, a tarde chega por ínvios caminhos, trazendo do oceano ocidental do sossêgo gotas frescas de paz no seu cântaro doirado». — *Moraes Cabral*

★ ★ ★

O DESPORTO DA VELA EM 1945

(Continuação)

Uma série de outras regatas oceânicas, de Lisboa a Setúbal (Taça Wintermantel), e de Lisboa a Sesimbra e volta (Taça Comandante Tenreiro), para barcos de Pequeno Cruzeiro, isto é aqueles que dispõem de uma pequena câmara para abrigo de dois ou três tripulantes, cria entre os amadores um gôsto especial pela navegação na Costa, cheia de encantos e por vezes verdadeiramente sensacional. A prova «24 horas no Mar», espaço de tempo durante o qual os barcos dêsse mesmo tamanho não param de percorrer determinados percursos, constitui igualmente um magnífico treino de navegação diurna e nocturna.

Dêste modo, encontra-se também em pleno desenvolvimento o Turismo Náutico, isto é a prática da vida de bordo nos rios e na Costa, com pernoita dentro das embarcações ou em acampamentos nas praias, durante dias seguidos. Algumas regatas exigem, nas suas condições de inscrição, a pernoita das tripulações, exclusivamente de amadores, a bordo dos seus barcos, fundeados nas pequenas enseadas do Tejo ou da Costa mais próxima de Lisboa, o que sempre é acolhido e executado com boa disposição e dá motivo a uma permanente camaradagem dos desportistas que vivem um apertado intercâmbio de amizades e de alegre convívio que é timbre do *yachting*.

Todos os clubes efectuam no inverno as suas escolas teóricas de Vela, em que dezenas de candidatos, de ambos os sexos, fazem a sua aprendizagem da arte de marinheiro e da navegação de cruzeiro e de regata. Dispõem já de alguns livros da especialidade escritos originalmente em português, completando a sua educação com a leitura de crónicas nos jornais e revistas desportivas.

Sob o ponto de vista internacional, e no limite que os conflitos bélicos até aqui têm permitido, a *Semana da Vela* efectuada no ano passado em Cascais e Estoril, trouxe o primeiro contacto importante com os velejadores espanhóis que nos visitaram, num conjunto de brilhantíssimas provas, presenciadas pelos Chefes do Govêrno e grande número de entidades oficiais superiores. Os velejadores portugueses foram êste ano convidados a ir a Vigo e a Marin tomar parte em regatas que ali se realizam durante o mês de Agôsto. A Federação Portuguesa de Vela está preparando as equipas que vão representar Portugal numa embaixada da náutica de recreio que por certo dará, numa justa medida, a idéia do valor desportivo dos nossos marinheiros amadores e do progresso do *yachting* português que nós, nestas breves palavras, tivemos o prazer de anunciar. — *António de Meneses*

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

(Continuação)

Resumamos agora do referido *Catálogo* — para melhor elucidação dos leitores — os introitos explicativos da metódica arrumação das obras actualmente expostas no Museu de Arte Contemporânea:

SALA 2.ª *(Sala Columbano)*. — Nela se expõe o núcleo principal das obras doadas ao Estado pela viúva do grande pintor, acrescentado por alguns quadros igualmente pertencentes ao Museu e que são desconhecidos da maioria do público.

SALA 3.ª — É dedicada aos pintores do último quartel do século XIX.

SALA 4.ª — É esta a primeira *exposição temporária*, das várias projectadas. Recaíu a sua escolha na individual de Carlos Reis — primeiro director do Museu — como justa homenagem à sua memória. Outra homenagem se presta, a par, ao escultor Costa Mota, contemporâneo de Carlos Reis, por ser um artista bem representativo da expressão e probidade profissional da escultura portuguesa, no último quartel do século passado.

SALA 5.ª — É nela que a expressão moderna da arte nacional tem os seus principais representantes, embora faltem ao agrupamento as obras de outros pintores, escultores e desenhadores, que a seu tempo serão expostas.

SALA 6.ª — As obras reünidas neste compartimento destinam-se a museus diversos do País, e estão, portanto, aqui, a título temporário, com o fim de elucidar o público e os artistas do destino que tomarão.

SALA 7.ª — Nela se agrupam algumas obras dos artistas *Românticos* nacionais, a par de outros mais modernos, em escolha intencional de distinção, da melhor parte das colecções do Museu.

SALA 8.ª — Presta-se nesta pequena sala de escultura uma homenagem a Soares dos Reis e a Simões de Almeida, mestres de quantos escúltores portugueses figuram neste Museu, expondo-se juntamente algumas aguarelas e desenhos.

*

Esta rápida descrição dá-nos uma idéia aproximada do inteligente critério que Diogo de Macedo seguiu para arrumar — no espaço exíguo de que dispunha — grande parte das obras que durante mais de trinta anos se foram acumulando nas dependências do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Grande parte, dissemos, porque ali se encontram depositados numerosos quadros, esculturas, desenhos, gravuras e medalhas, à espera de condições mais propícias para serem expostas ao público. E por isso Diogo de Macedo afirmou, em artigo oportunamente publicado num diário nortenho: — «Não esqueçamos nunca que é provisória esta instalação e que urge construir-se um Museu novo, onde se patenteie ao público e aos estudiosos quantas outras obras que ficam ocultas nas arrecadações, onde (além do perigo de se arruïnarem) deixam de cumprir a missão cultural e de deleite em beleza para que foram criadas pelos artistas e compradas pelo Estado».

Seja como fôr, o que o actual Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea fêz, desde que para êsse cargo o nomearam, é digno da admiração e do respeito de todos quantos desejam ver bem conservados e valorizados os elementos plásticos mais característicos do património espiritual da Nação.

R. M.

ATUM ★ SARDINHAS ★ ANCHOVAS